

**Vítor Nobre da Silva**

**A CONCEPÇÃO DE SABEDORIA DA VIDA NA FILOSOFIA DE  
ARTHUR SCHOPENHAUER**

**Monografia de Bacharelado em Filosofia**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2022

**Vítor Nobre da Silva.**

**A CONCEPÇÃO DE SABEDORIA DA VIDA NA FILOSOFIA DE  
ARTHUR SCHOPENHAUER**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em  
Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e  
Teologia, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2022

## AGRADECIMENTOS

*“Rendam graças ao Senhor, pois ele é bom; o seu amor dura para sempre. Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel, de eternidade a eternidade.”  
(1 Crônicas 16,34-36).*

A princípio, agradeço a Deus, senhor e autor da vida, pela graça de ser chamado à missão. Rendo graças a Deus por ser minha força e sustento em meio as tempestades que atravessei durante o período do curso; em meio a pandemia da covid-19. Em suma, *ate aqui sustentou-me o senhor nosso Deus.*

A minha gratificação a Diocese de Crateús, na pessoa de meu bispo Dom Ailton Menegussi e a toda a equipe de formação, pela oportunidade de fazer a riquíssima experiência de residir em Belo Horizonte – MG e pela oportunidade de cursar filosofia na Faje. Estendo minha gratidão aos irmãos seminarista que tive a graça de conviver durante este tempo nas fraternidades Dom Luciano e Dom Helder. É indispensável minhas gratificações ainda a toda a equipe do Grufaje-ano 2019; aos professores e amigos do cursinho que muito me ajudou a conseguir a bolsa integral pelo Prouni.

Agradeço com muito amor e estima à toda a minha família; na pessoa de minha mãe Sra. Gorete Nobre; e de meu irmão e de minha cunhada; Vinício Nobre e Luana Nascimento; pessoas especiais em minha vida, que como os demais familiares sempre estão presentes no estímulo e incentivo. Além dos amigos, que foram surgindo durante esse processo, como sinais do amor de Deus em minha vida, a saber: Rodolfo Marins, Delciane Nunes, Debora Lorena, Conceição Pinho e Hélio, Ducarmo e Junior, Regiane e Renato Fernandes, Pe. Thales rodrigues e Pe. Maílson pereira.

Ainda me recordo com muito estima, carisma e gratidão aos irmãos, irmãs e padres do Instituto religioso Nova Jerusalém – fundação de Vespasiano/MG de 2019 à 2022 (Paróquia São José), por também serem presença amiga e de incentivo na produção deste texto.

Não poderia deixar em anonimato os meus irmãos, amigos da turma de filosofia da Faje – 2020 a 2022; cujo a presença, amizade, aprendizado, convivência, alegrias, presença; enfim, que de muita valia contribuíram, não só no processo de produção monográfica; mas também no trajeto acadêmico durante os três anos - a todos deixo minhas gratificações. Quero agradecer ainda alguns amigos colaboradores da faculdade, pela amizade e também presença de estímulo e inspiração, a saber: Andréia, Patrícia, Kézia, Jordan, Crislayne, Viviane.

Não menos importante, ao Professor Dr. Carlos Drawin, por abraçar o meu projeto, guinando e ajudando com muita paciência e compreensão este trabalho. Ademais, agradeço pela presença e contribuição, dentro desse período de trabalho, ao meu diretor espiritual Pe. Anderson Lima, e ao meu psicólogo Dr. Pedro Castilho. Por fim, concluo recordando e agradecendo a Marília Mendonça (*In memoriam*); pois acompanhou-me por suas trilhas sonoras, que exprimem em partes, o sofrimento humano; as experiências vividas; à medida que meu trabalho ganhava forma, mediante também sua precoce partida.

*“O que alguém tem em si mesmo é o que há de mais essencial para a sua felicidade de vida” – Schopenhauer, Aforismos para a Sabedoria de vida*

## RESUMO

A presente pesquisa irá apresentar a concepção da sabedoria da vida segundo Arthur Schopenhauer, que a partir das condições da miséria humana, apresenta uma alternativa para o bem viver, recorrendo ao método de máximas e aforismas. A obra base de nossa pesquisa é *A Sabedoria da Vida* (Schopenhauer). O filósofo alemão é marcado por seu forte pessimismo e sua corrente filosófica totalmente oposta aos pensadores de seu tempo. Movidos por estas mesmas interpelações éticas-morais sob a condição humana, exporemos a importância dessa sabedoria de vida na perspectiva Schopenhaueriana para a sociedade atual.

**PALVRAS-CHAVE:** Arthur Schopenhauer. Sabedoria. Vida. Pessimismo. Máximas. Bem-viver. Felicidade. Vontade. Sofrimento. Tempo. Transformação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1- A METAFÍSICA DE ARTHUR SCHOPENHAUER.....</b>	<b>9</b>
1.1 Aspectos relevantes da Filosofia Schopenhaueriana .....	10
1.2 Obra Magna .....	11
1.3 Metafísica da Natureza .....	13
1.4 A Metafísica do Belo .....	18
1.5 A Metafísica da Ética .....	21
<b>2- A SABEDORIA DA VIDA .....</b>	<b>25</b>
2.1 Aforismos – Uma divisão fundamental .....	26
2.2 Do que cada um é, do que tem e do que representa .....	28
2.3 Máximas Schopenhauerianas – A arte do bem viver .....	37
<b>3- AS DIFERENTES ÉPOCAS DA VIDA E SUAS TRANSFORMAÇÕES.....</b>	<b>51</b>
3.1 Infância .....	51
3.2 Juventude, vida Adulta e Velhice .....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	

## INTRODUÇÃO

A modernidade altamente influenciada pelo capitalismo neoliberal, as instâncias das relações humanas estão comprometidas e o mundo requer um modo de viver, em que o ser humano possa ter condições básicas para uma vida feliz.

Nesse sentido, o presente estudo baseia-se no filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) que, partindo de sua observação, elencou uma série de aspectos consideráveis sobre a miséria da condição humana. Schopenhauer era filho de um importante comerciante polonês. Em sua infância, mais precisamente aos 12 anos, fez uma série de viagens, como meio para conhecer o ofício de um comerciante de grande êxito, pois era evidente que seguiria os passos de seu pai.

Porém, a viagem produziu a obra *A Sabedoria da vida* fruto das reflexões acerca da verdade, da existência do homem, dos valores éticos e morais; que contribui de maneira significativa a alguns escritores como o brasileiro Machado de Assis.

Na obra eixo do trabalho, *A Sabedoria da vida*, são apresentados por Schopenhauer, aspectos distintos da vida humana como meios básicos e fundamentais para uma vida feliz, de maneira mais agradável possível, como ele próprio coloca. O método que Schopenhauer utiliza é explicar as 53 teses sobre a vida pelo recurso do aforismo ou máxima. Na obra é posto de maneira nítida e concisa, uma “declaração para uma vida feliz”.

Interessou-me na pesquisa acerca do pensamento ético do filósofo conhecer a sua alternativa de como bem viver e bem relacionar-se com meio onde estou inserido e com as pessoas que compõem meu ciclo de amizades e convivência. Ademais, em uma situação atual em que a pandemia intensificou nossas relações humanas, torna-se ainda mais pertinente a questão de como bem viver a vida, de forma sábia e mantendo relações saudáveis; onde as misérias humanas não são empecilho para sermos conhecedores e portadores de um conhecimento da arte do viver, sem perder a qualidade nas relações.

A pesquisa está estruturada em três partes. No primeiro capítulo iremos nos deter a metafísica da vontade de Schopenhauer, ou seja, as suas ideias básicas, conhecê-las. No segundo, examinaremos “A sabedoria da vida” em Schopenhauer. E finalmente, no último capítulo, será apresentado a relevância da sabedoria de vida de Schopenhauer nos diferentes momentos da vida e como ser humano procede diante dessas transformações.



## 1- A METAFÍSICA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

A vida de Schopenhauer foi marcada por uma série de aspectos que desde sua infância marcaram profundamente sua filosofia, o seu jeito de ser e a sua percepção acerca do mundo em que viveu inserido, bem como o todo ao seu redor.

Desse modo, em uma primeira instância no seu doutorado Schopenhauer busca atribuir razão as coisas, isto é, um fundamento. Essa atribuição será apresentada em sua primeira obra *A quádrupla raiz do princípio de razão suficiente* que será abstraído no primeiro livro de sua obra consagrada como magna – *O mundo como Vontade de representação*.

Sendo o pessimismo característica predominante, a sua filosofia será inspirada e desenvolvida dentro desse caráter pessimista, buscando ele fazer uma interpretação da vida e do sofrimento. Em suas palavras, Jair Barboza<sup>1</sup> nos recorda o que afirmou ele “A vida é uma coisa desagradável. Propus-me a meditar sobre ela” (BARBOZA, 2003 p. 14). Isso mostra na perspectiva do comentador schopenhaueriano como afirmação que muda a brecha influenciadora dessa filosofia, apontado no fragmento:

Aos meus 17 ano, ainda sem nenhuma formação escolar, fui tão fortemente abalado pela *penúria da vida* como buda o foi em sua juventude, ao considerar doença, velhice, dor e morte[...] A conclusão a que cheguei é que este mundo não poderia ser a obra de um ser boníssimo, mas antes de um diabo, que joga suas criações na existência a fim de regozijar-se com a visão de seu tormento[...] (BARBOZA, 2003. p. 14).

A sua linha de pesquisa e estudo contempla de modo muito profundo e crítico a sua relação com o mundo ao seu redor, com os seres com quem se relaciona, em questões éticas e morais dentro de um viés racional. Desse modo, na sequência da pesquisa iremos conhecer os pontos mais significativos de sua linha de estudo e análise filosófica e a abordagem de sua obra magna, a visão sobre o transcendental, a metafísica da natureza, do belo e da ética; respectivamente.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado na Universität Hamburg e Universität Frankfurt (2008) como pesquisador da Alexander von Humboldt-Stiftung. Doutorado (2000), mestrado (1995) e graduação (1989) em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Foi professor da PUCPR/Curitiba e UFSC/Florianópolis. Preferências temática: estética e ética. Autores: Kant, Schelling, Schopenhauer, Nietzsche. Verteu textos clássicos de filosofia do alemão para o português, destacando-se a versão integral de "O mundo como vontade e como representação", de Schopenhauer (Ed. Unesp, 2005), e "Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia" (com Vinicius de Figueiredo), de Kant (Ed. Unesp, 2005). Disponível em: *escavador*. Acesso em 12 de abril 2022.

### 1.1. Aspectos relevantes da filosofia schopenhaueriana

Além do pessimismo latente da personalidade de Schopenhauer, ser simpático não era a sua prioridade. No entanto, dentro de sua obra filosófica busca antes de mais nada proporcionar uma imprescindível segurança e fidelidade na sua filosofia própria.

É possível perceber ainda que a filosofia Schopenhaueriana tem traços explícitos e conscientes de uma filosofia de escritor, de artista em que busca como objetivo o rompimento com a linguagem das grandes mentes do idealismo. Dentro de sua perspectiva a metafísica da música e da arte tem tamanha relevância e sentido filosófico como a metafísica da Vontade. Isso caracteriza de forma peculiar os ideais de Schopenhauer e destaca a sua filosofia das demais. Era assustador e talvez até inadmissível para ele pensar que sua produção se tornasse mero combustível aos docentes da filosofia.

Lembremos ainda que o autor pessimista não punha fé em na impossibilidade de toda a metafísica, no entanto seria necessário buscar outros meios. Desse modo, desprezar a particularidade de sua obra era o mesmo que fazê-la regressar as clássicas metafísicas (Platão e de Espinoza) que não eram para Schopenhauer as suas prediletas.

Outro aspecto que será marcante nas produções do autor de *O mundo como Vontade de Representação* é que “nunca cessará de retomar sua exposição, de lhe acrescentar complementos e confirmações”. (LEFRANC, 2011. p. 23). Toda via, irá ainda enaltecer-se quanto ao número reduzido de repetições que inevitavelmente estão presentes nas obras de filosofia, entregue a sua coesão e que veridicamente não consegue nenhum filósofo esgueirar-se desse fato.

Com isso, Schopenhauer se destaca mais uma vez, já que a grande maioria de suas ideias e pensamentos estão otimizadas em um único lugar de suas produções. Nesse sentido, vale ressaltar a distinção no que se refere ao sistema de pensamento único e sistema de ideias. “Há de se observar que Schopenhauer não se recusa a noção em si mesma: a seu ver, toda filosofia é sistema”. (LEFRANC, 2011. p. 23). Isso mostra por outro lado, já mostra que ele não é um pensador classificado como existencial - classe que identifica apenas o sistema de Hegel.

Porém, o que é indispensável ao nosso estudo é o esplêndido caminho traçado pelo filho do comerciante Heinrich Floris<sup>2</sup>, que em todo o tempo susteve a particularidade do discurso filosófico com condições específicas ao sistema que fosse coerente, objetivo, racional e explicativo progressivamente de modo mais completo possível.

Isso evidentemente proporciona a todos que se interessam pela obra Schopenhaueriana uma facilidade na leitura e compreensão sua filosofia. Há quem diga até que desperte interesse ao público geral por essa compreensibilidade e pela própria temática que aborda questões claras sobre a vida humana em um caráter existencial, antropológico, metafísico, artístico, ético e moral.

Ao contrário da consagrada tradição Schopenhauer classificava a Vontade como cega e irracional e não a razão como princípio do mundo. Contudo, sua filosofia é marcada pela oscilante realidade dentre pessimismo metafísico e otimismo prático.

## **1.2. A Obra Magna**

O local que serviu de palco de produção de *O mundo como Vontade e representação* foi a cidade chamada Dresden. Repleta de uma belíssima paisagem, já era berço de uma riqueza em galerias de arte da Europa na época e também é lá que se congregam amantes das letras e das artes (escritores e artistas). Talvez por isso, que Schopenhauer encontra em Dresden o cenário adequado para a produção de obra consagrada.

A princípio, procura se fazer exegeta da vida e do sofrimento do mundo. Na perspectiva Schopenhaueriana, a vida é tida como algo desagradável e por isso a escolha de meditar e refletir sobre a mesma.

No caminho que nosso autor pessimista vai traçando aos seus exatos 17 anos consegue ele perceber que no centro da vida está o sofrimento e as dores do mundo. Desse modo, a morte em sua filosofia torna-se principal elemento de inspiração, sendo seu teor filosófico constituído de uma exibição da condição do homem em sua finitude, como ser transitório e que vai morrer, sustentada na base irracional do cosmo. Em poucas palavras, não haveria filosofia sem a morte.

---

<sup>2</sup> Heinrich Floris Schopenhauer Comerciante “...era homem estimado pelos colegas; devido a seus negócios, havia viajado muito pela França e pela Alemanha; gostava de cultura clássica; possuía uma inteligência clara e ao mesmo tempo uma vontade tenaz (resistente), inflexível e predisposta a determinar-se por meio de decisões tão rápidas como irrevogáveis.” (SCHOPENHAUER, *Trad. Rômulo Argentière*, 2012. p. 7)

A obra magna tenta demasiadamente e de diversos modos fazer uma interpretação metafísica numa perspectiva otimista o mundo. Alguns dos pensadores do idealismo alemão a saber; Fichte, Schelling e Hegel acompanhando a consagrada tradição do pensamento, rogam um princípio racionalista do mundo.

Toda via, a tese de nosso autor afirmará que as coisas dispõem de um fundo inconsistente que é consubstancialmente obscurecido. Seguindo essa óptica, a dita produção é formada de quatro livros que na sequência apresentaremos de maneira sucinta e clara, de modo que abarque toda a ideia da obra prima schopenhaueriana.

O livro primeiro (I) está consagrado a teoria do conhecimento. Dentro do âmbito do espólio de Kant, de preliminares circunstâncias de viabilidade da experiência, existentes à partida na consciência – condições de tempo, espaço e casualidade; se faz uma análise do mundo no sentido da representação, ou seja, como simples evento para o indivíduo. Com isso, o mundo é classificado como representação vinculada ao princípio da razão. É notório que aqui é feita a abordagem do objeto da experiência e da ciência.

Quanto ao segundo (II) livro, é proposto a metafísica da natureza. Na abordagem feita o mundo não se classifica só fenômeno, mas contém um em-si, para ser mais claro: a Vontade, feito inteiro distinto da representação. A saber que essa Vontade almeja de forma precipitada, em toda parte pela vida: dispõe em concepções ou espécies da natureza. Nisso, é apresentado a nós uma multiplicidade interminável de seres, de modo que se chegue à consciência plena de si no homem. É válido lembrar que para que se chegue a essa consciência é necessário traçar um caminho que perpassa os reinos inorgânico, orgânico e animal. Em síntese, a “objetivação da verdade” é fio condutor assíduo em todo o seguimento.

A metafísica do belo é a visão tratada no terceiro (III) livro. Assim como no primeiro livro o mundo é visto na perspectiva da representatividade. No entanto, neste caso a representação é independente do princípio da razão. Antes as noções de Platão exteriorizadas em indivíduos, passam a ser consideradas, dentro dos parâmetros da estética, na vivência do belo intrínseco – passam a ser “objeto da arte” à medida que são reveladas artisticamente.

Metafísica da ética é a temática do estudo feito no livro quarto (IV) da obra magna. No seguimento do livro segundo o mundo outra vez é observado do aspecto da Vontade. A distinção é dada pelo fato de que após a autoconsciência ser atingida pela Vontade, ela estabelece uma “afirmação ou negação” de si. Melhor dizendo, o mundo na personalidade de

classes excepcionais (heróis, conquistadores do mundo, astecas, santos) tem a possibilidade de receber um *sim* ou *não* determinante, isto é, um sim ou não a vida. Provém daí a façanha de cunho moral boa, ligada a um *não* desinteressado ou má, que faz jus a um *sim* interessado.

Por fim, Schopenhauer termina sua produção consagrada com um complemento designado à *crítica da filosofia kantiana*, perpassando em averiguação os conteúdos fundamentais do grande inspirador de seu sistema.

### 1.3. Metafísica da Natureza

Para uma melhor compreensão é preciso primeiramente entender a concepção de metafísica e a sua origem na perspectiva do filósofo do pessimismo. Como já vimos no segundo livro de MVR<sup>3</sup> em que é apresentado a necessidade metafísica do homem. Seguindo esta linha de estudo, diferentemente dos outros animais em que a “[...]Vontade e intelecto não são separados o bastante” (PAULA. 2020)<sup>4</sup> o ser humano na classe dos animais, destaca-se como exclusivo instruído a ponto de pasmar-se diante do fato da existência e mais perplexo ainda quando se contrasta com a morte. Porém, recordemos o seguinte trecho de um outro, apreciador da obra schopenhaueriana: “[...] o intelecto que se desvinculou da vontade e se tornou conhecimento puro é inocente.” (MANN, 2015 p.104) para antecipar o caminho que é traçado pelo autor.

A partir dessas observações, resultado do assombro humano do existir e da exacerbação pelo saber antecipadamente da morte, assim como aquilo que vai junto acompanhando-o, Schopenhauer descreve o como animal único necessitado de uma metafísica - *animal metaphysicum*.

Desse modo, surge o que é chamado de meta-efetividade: “onde termina a física, começa a metafísica” [...] “é lugar para o físico ceder lugar ao metafísico” (BARBOZA, 2003 p. 30). Em outras palavras, no caso de fracasso por parte das ciências no trajeto de tentar encontrar a essência das coisas compete então buscar o proveniente do mundo a partir do interior, de nós mesmos e não do externo.

Consequentemente, enxerga-se uma metafísica da natureza que consiste não em uma análise protagonista relacionada a experiência externa e sim interna, na qual mergulha-se ao íntimo corpóreo como meio de ingresso ao mais concreto do mundo.

---

<sup>3</sup> Mundo como Vontade e Representação – Schopenhauer;

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/cKFFY6QxyC5Yh9wW9nDzbCb/?lang=pt>. Acesso em: 08 de novembro de 2021;

Ao apoiar-se nessa perspectiva, Schopenhauer designa uma entrelace de experiência entre externo e interno, a considera que a regência deste não se limita mais ao saber em discurso e sim pelo sentimento que a nós escancara “[...]o panorama de intelecção que refere a relação que uma representação intuitiva, corpo mesmo” (BARBOZA, 2003 p. 31). Portando com aqueles que de nenhuma maneira podem classificar-se como representação e sim como integridade em gênero distinta dela – a Vontade. É possível perceber uma identidade do corpo com a Vontade à medida que é feito um exame de consciência, dado que é a compreensão produz essa afeição (corpo e Vontade), ou seja, uma objetividade – em indicação de neologismo. Isso mostra que temos essencialmente um interior volitivo, sendo ramificação de nossa existência. Em essência, somos seres movidos pelo querer, que almejam; um complexo de desejo infinito (não importa de quê), porém finitos em matéria corpórea.

É válido salientar que o ato da Vontade, seja ele qual for é ação do corpo; a saber que os dois “[...]são única e mesma coisa” (BARBOZA, 2003 p. 31) facultados de modos distintos: um de modo imediato e o outro no presságio da intelecção (entendimento). Desse modo, toda ação verídica e imediata da Vontade é ato do corpo e todo ato sobre o corpo é uma só agitação da Vontade, ou seja, emana dela. Nisso tem-se o motivo de denominação do corpo como a concreção do querer, corpo e querer são inteiriços - além de ser representação o corpo também é vontade. Logo, se isso é aplicável a nossa realidade humana, não se deve descartar a aplicação também em outros corpos.

Por outro lado, é indispensável uma investigação dos outros seres corpóreos do mundo, no intuito de saber se da mesma maneira dispõe de um núcleo volitivo. Depois, nos deparamos com uma conclusão analógica: o corpo enquanto mera representação (figura) e não sentimento, não foge do princípio de razão e sua lei de casualidade.

Evidentemente, não a fuga do complexo de fundamento e consequências em um espaço e um tempo. Entretanto, a distinção entre reino inorgânico – casualidade é tida em sentido limitado e no reino vegetal a casualidade por estímulo, já entre os homens é incorporada como motivação. Surge então um conflito, em que a mais forte prescreve a ação. Nesse caminho, já que toda ação é emanada de um motivo, quem investiga pode fazer uma análise com base no interior, ou seja, de dentro uma vez que a partir de si lhe é possível explorar o centro da casualidade, em razão de seu corpo ser um mero componente dentre uma variedade de outros corpos condicionados à ordem da casualidade.

Quanto aos acontecimentos sujeitos ao princípio da razão, não existe menos ou mais esporádico no combro universal. O que se distingue é capacidade ilusória do sujeito de ser capaz

de determinar entre as causas que disputam em sua consciência até que uma alcance êxito e delibere a ação.

Com isso, Schopenhauer afirma que embasado na identificação da casualidade no total dos domínios da natureza agregar uma nova que é o núcleo incógnito das representações não distinto do âmago do corpo humano “[...]porque há igualdade da casualidade em todos os níveis” (BARBOZA, 2003 p. 32).

À proporção que o sentimento intrínseco das consciências particulares assinala uma intangibilidade puramente volitiva que se torna vista no mundo com base nos pretextos ou causa animal, por conseguinte a casualidade de modo geral, em seu íntimo não pode distinguir-se da própria casualidade física (corpo) pois “[...]a casualidade é uma só” (BARBOZA, 2003 p. 32). À vista disso, vemos que o íntimo dos demais corpos tem a raiz tal a intimidade do meu próprio corpo. Consequentemente, chamamos de Vontade o íntimo dos outros corpos – isso denomina-se conclusão analógica.

É graças a essa conclusão que é possível chegar ao eixo do mundo. O resultado dessa formulação desdobra o saber da casualidade observada do interno, ou seja, na perspectiva relacional do corpo (representação) com alguma coisa dissemelhante dele – a Vontade aos demais corpos. Assim sendo, Schopenhauer alcança o conceito ímpar de sua filosofia: Vontade cósmica, uma e indivisível, coisa-em-si dos fenômenos. Em suma, o menos é minha representação, mas ele também é minha vontade.

Porém é preciso perceber que a Vontade é um fenômeno, uma coisa em si que é totalmente distinta da representação subalterno ao princípio da razão. Entende-se disso que a vontade foge por inteiro no que diz respeito aos predicados fenomênicos, por isso, é destituída às contingenciais determinações e espaços temporais, ou seja, sem fundamento e sem razão. Partindo dessa afirmação, emana o que é classificado como ontologia negativa.

Se observarmos a razão em seu princípio de individuação, imprimi diversidade, divisibilidade aos objetos. Já a Vontade, contrariamente é una e indivisível. O que se tem então é o princípio da razão como meio que oferece necessidade as coisas; e a Vontade como livre. Ela não oferece uma transitoriedade aos objetos, e sim ultrapassa as condições temporais, sendo indestrutível.

É notório, com base nesse caminho traçado, que a filosofia de Schopenhauer é metafísica, mas não perpassa além da experiência. Diferentemente da teoria metafísica dogmática antecedente a Kant, esse caminho metafísico não subscreve objetos de cunho

transcendental não adeptos à experiência, mas limita-se ao mundo através do corpo e seu combo sentimental, como uma metafísica intrínseca. A compreensão dos demais corpos só é possível por meio da nossa condição de seres desejosos, volitivos. Isso é válido tanto para as ciências em cunho de espírito como as da natureza.

Nesse sentido, é necessário conhecer na perspectiva schopenhaueriana os graus de objetivação da vontade. Em sua obra magna, a Vontade torna-se visível fruto da busca sedenta pela existência, partindo do estado de cegueira originária. Por consequência, surge os reinos como inorgânico, vegetal e animal.

A questão do querer é posta como tendência à vida: parte das mais primordiais formações até as mais enigmáticas – onde houver, Vontade haverá vida. De modo consequente, a expressão “Vontade de vida” para Schopenhauer é redundante. Ele em seu agitado impulso afirma que não há melhor modo de simbolizá-la que os órgãos genitais, sendo esses o seu centro. O que perpassa tudo é a vida que quer viver de algum modo, mesmo que para isso uma particularidade seja imolada em prol do bem do conjunto, do universal. Isso é visto em exemplos como de paixão amorosa ou de seres em que o macho trava o embate pela fêmea; e mais radical ainda na morte de um dos parceiros após o acasalamento.

Quanto mais complexos e mais alto for as fazes da natureza, mais complexas também é a pluralidade de formas de vida existentes. É indispensável salientar que querer existentes em todas essas formas é unívoco. Desde a pedra que cai até a força que faz o processo de solidificação do cristal de gelo; em uma simples agulha magnética de uma bússola que aponta ao polo norte, na água fazendo seu curso e nas eletivas afinidades, nas plantas que crescem e na gravidade que suga os corpos para a superfície terrestre. Em poucas palavras, a Vontade está presente em todo o cosmo – o mundo é então, a manifestação, o que é visível (visibilidade), o reflexo da Vontade.

Com o objetivo de fundamentar a teoria dessa cosmologia, nosso autor traz Kant e Platão, e assim constitui que a Vontade é possível com base em “atos originários, partindo da inconsciência ou estado de cegueira – perspectiva platônica. Assim temos as objetivações da Vontade, que diz respeito a esses paradigmas eternos e imortais das coisas, perdendo-se com as espécies da natureza.

[...]as Idéias de Platão, na medida que são justamente espécies determinadas, ou formas e propriedades originárias e imutáveis dos corpos orgânicos e inorgânicos, bem como das forças naturais que se manifestam segundo as leis da natureza. (SCHOPENHAUER § 30 I 1999, 2005. p. 235).



Em contraposição à sua pluralização, as Ideias de modo distinto de sua diversificação, os fenômenos são representações livres do princípio de razão. Há uma semelhança com à Vontade, sendo elas, atemporais e alheias à condição de espaço e à casualidade.

Essas representações, na perspectiva da realidade, são responsáveis pela intermediação entre o em-si e os fenômenos. Logo, são a própria coisa-em-si, de modo que são na forma mais geral de representação – o ser objeto para um sujeito. Ressalto que aqui o sujeito é posto pelo autor como universal e indiviso, podendo estar presente no entendimento – seja ele humano ou animal, que prevê as representações e na razão teórica que as transfunde em conceitos.

Com isso, é possível ter-se a afirmação da vida; em que a Vontade no seu modo de manifestar-se, apresenta evidências de Ideias atrás de si, e essas multiplicam-se em fenômenos.

Agora, ao passo que o movimento entre Vontade e representação executados pelos indivíduos acontecem, carecem antes da matéria. Toda via, essa é constante. Assim sendo, só é possível a cada indivíduo aparecer a partir do momento que se toma o lugar do outro, se dominar a matéria em sua jurisdição. Isso explica os embates presentes em todo lugar, um conflito de todos contra todos; é mais agudo ainda no reino dos animais, em que o que não ataca é atacado.

A realidade entre os homens não foge desse cenário, a saber que esse conflito, no extremo, dissemina a Auto discórdia necessária do querer-viver consigo próprio, alimentando-se da ardente fome de existência, capaz de cravar os dentes na própria carne, uma vez que não existe nada exterior a ela. Daí se vê no mundo inteiro o sofrimento, angústia, caça. É ilusório o tirano pensar que a vítima é distinta dele, já que os dois são a mesma coisa, porém diferenciados pelo véu da ilusão, princípio de individuação - espaço e tempo.

Schopenhauer cita como exemplo australiana bulldog, amputada em duas partes: a cabeça morde a cauda, que por sua vez usa de ferradas para se defender bravamente, durante meia hora até que as partes são carregadas por outras formigas.

Nessa narrativa do reino dos insetos, é possível entender o sofrimento natural às criaturas. Logo, é fundamentado a famigerada frase de Schopenhauer que afirma: “Toda a vida é sofrimento”. Para o filósofo a felicidade é negativa e a dor é positiva, reflexo dessa fome de vida necessária todos. O ser feliz não é em si algo real, no entanto quer dizer ser menos infeliz, ter menos tormentos por causa dos desejos, ser portador do querer em estado mais evoluído, menos complicado. Ainda assim, com a satisfação dos desejos realizados, em embate contra cada um realizado há no mínimo dez que não são – na sequência quem um desejo é saciado, um novo ocupa logo o seu lugar.

O desejo é classificado como erro conhecido ao passo que é satisfeito e um erro desconhecido, à medida que é novo. Desse modo, nenhuma satisfação é duradoura, mas se comparada à esmola ofertada ao esmolar, torna a vida menos desprezível, toda vida estende o tormento no dia seguinte. Não há nada que possa fazer o indivíduo verdadeiramente feliz, o prazer proporcionado é apenas o fim efêmero de uma dor. É agravante da condição existencialista o fato de em grande parte das vezes, só se toma conhecimento da satisfação por recordação, de modo indireto, por outro lado, a dor é percebida direta e imediatamente. Como bem é colocado pelo comentador Schopenhauer:

Quantas horas tranquilas e agradáveis esvaídas no tempo não são depois lamentadas, em momentos sombrios, por terem desaparecidos? Pense aqui o leitor no caso explícito da saúde, plenamente valorizado e objeto de anelo quando se perde. (BARBOZA, 2003. p. 37).

Diante disso, o que se tem é algo inviável já que se comparado ao ramo de determinado negócio, não abarca os próprios custos. É uma investida negativa. Contudo, é notório nesse momento o pessimismo schopenhaueriano.

As conclusões que Schopenhauer chega o levam a um estado de descontentamento diante dessa ordem das coisas. Isso conseqüentemente, o faz abjurar a metafísica da natureza. O objetivo a partir de agora é buscar um modo que possibilite – memos que momentaneamente, ao menos anular tal insatisfação metafísica.

Já que a existência é uma verdadeira constante de mazelas – comparada a roda de Íxion<sup>5</sup> da mitologia, alada e resplandecente que não para de girar; então é possível que haja um refúgio que proporcione consolo e proteção. Onde, então se pode encontrar esse recanto? É o próximo passo dado por nosso autor.

#### **1.4. Metafísica do Belo**

Em meio ao desenrolar do sofrimento relativo à condição de existência, a contemplação estética aparece como fase mística. Assim, a corrente filosófica schopenhaueriana atinge as formas da salvação humana – *Erlosung*, a partir do saber da Ideia, dado que modo estético é definido como o estado de instinto dos protótipos eternos das coisas, as Ideias similares apresentadas na natureza como categorias (espécies).

---

<sup>5</sup> **Íxion**, na mitologia grega, era filho de Perimene e de Flégias, e irmão de Coronis. Era pai de Pirítoo, amigo de Teseu de Atenas. Sabe-se que era rei dos lápitas na Tessália.<sup>[1]</sup> É considerado o pai dos centauros, fruto da união com Néfele, a nuvem moldada por Zeus, semelhante à Deusa Hera. Depois de blasfemar contra o rei do Olimpo, Íxion foi morto por Zeus e foi mandado para o submundo, onde — por punição — foi amarrado a uma roda e queimado por toda a eternidade. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dxion>. Acesso em 20 de abril 2022

Quanto ao belo, esses protótipos são intuídos na sua pureza, isento do princípio da razão, prontamente são vistos sem perturbação, decorrente da controvérsia, do embate dos sujeitos para exprimir suas concepções – Ideias.

Por meio da contemplação da natureza de modo imaculado, ao indivíduo é possibilitado aproveitar sem interesse o seu cerne. Nessa circunstância, é acessado um novo tipo de realidade, para mais que os fenômenos. O destaque é dado no objeto de sua contemplação do fluxo evasivo das coisas e passa a ser um representador do todo.

No processo ocorre um rompimento aprumado no nível fenomênico, após então, se esvai o indivíduo e os seus gostos, ligados à Vontade e paralelamente desaparece o sofrimento da consciência empírica (temporal). A consciência é tomada pela eternidade. A genial capacidade – característica de todos em maior ou menor grau, é acionada e são usufruídas de maneira livre as Ideias platônicas. A mente e seu intelecto prevalecem sobre o querer e o saber (conhecimento) que antes era limitado servindo a interesses pessoais, agora passa a ser livre e sem interesse.

O que lança o contemplador no modo estético é uma circunstância externa ou ordenamento interno. A consciência do indivíduo torna-se um *claro espelho do objeto*, sendo inviável desagregar a intuição daquele que intui. Por sua vez, a Vontade é restabelecida, à obstinação da multiplicidade amparada pelo princípio racional, e irracionalmente é negado esse mesmo querer. É a feliz condição dos deuses, livre de tormentos, sofrimentos, aflições. Não se conhece mais com base na finitude, isto é, provisoriamente, mas sob a forma da eternidade – *sub specie aeterni*. Aquilo que vê aí é a clara visão cósmica. O que ocupa a mente do espectador é somente o sujeito puro do conhecimento carecido de Vontade.

Posteriormente, ao lembrar-se, é possível transmitir a sua experiência numa obra de arte, que será constatada conforme o nível próprio de inteligência. Seguindo esse tracejado, acontece uma neutralização da existência em seus desejos e interesses, berços de sofrimento, visto que objetos suficientes para eles não existem. Assim, se tem a negação da Vontade.

É revelado com isso, um método específico de saber. Este, coincide e excede a ciência, ao menos se considerar o contentamento metafísico que propicia o saber translúcido do conteúdo das várias espécies das coisas: ideias de Platão, concepções desobrigadas do princípio racional.

Depois, nessa perspectiva do belo tem-se o caso do sentimento do sublime. Esse acontece à medida que, o observador se posiciona frente as grandezas (espaciais ou temporais) que o dizimam a nada, toda via, deixa o estado de pequenez e aprecia a Ideia platônica.

Exemplificando, Schopenhauer cita o desfrutar do horizonte em sua vastidão como também o oceano em suas ondas agitadas que se chocam contra os rochedos; entre outros colocados. Além disso, é estabelecido pelo autor pessimista uma classificação, inspirada na nomenclatura kantiana em que os maiores fenômenos são o *sublime matemático* e os potentes infinitamente são tidos como *sublime dinâmico*.

Entretanto, como o sublime é uma classe do belo, existe nas duas experiências a intuição sem interesse na Ideia, porém com paralela renúncia da Vontade. A distinção insignificante que acontece entre belo e sublime - conforme a obra magna, é que a noção do sublime se revela por trâmite da soltura violenta e lúcida – ação do puro sujeito da sabedoria, da sabida associação desvantajosa do corpo humano com os objetos. É visto aí uma recordação da Vontade, dado que é confundido essa com o corpo afetado, em razão de ser esse querer efetivado, no mesmo momento em que tal liberdade acontece sem embate. Apesar disso, em ambos o saber é representativo, livre do protótipo belo e contínuo do objeto intuído, sou seja, do princípio racional.

Posteriormente, Schopenhauer fala da intuição estética que quando é recordada pelo gênio é declarada por uma produção. Assim é exposto a Ideia – Arte é exposição de Ideias. No entanto, a mostra provoca alusão aos níveis de objetivação da Vontade, na qual há uma hierarquia das artes proporcional à hierarquia das Ideias. Contudo, essa classificação hierárquica das artes não tem relação com às artes em si, toda via a relacionam-se com a temática que elas retratam.

Mostrando nas suas edificações, as Ideias mais fundamentais de pretensão da Vontade – atributos da matéria (coesão, reação contra luz, rigidez, disputa da gravidade contra a resistência) a arquitetura é elemento base da classificação piramidal das artes. A arte arquitetônica possibilita o desdobre pleno da natureza da luz, retendo-a pela volumosa massa (às vezes fosca) da edificação, e depois paralisando-a e refletindo-a e exhibir seu caráter. Posterior à arquitetura a pintura paisagística e jardinagem, que tem como foco de trabalho as concepções ideológicas do reino vegetal.

Na camada piramidal, segue-se depois a escultura e pintura animal e pintura humana. O cume hierárquico está relacionado a exibição da Ideia, onde a Vontade alcança seu objetivo

mais alto, o ser humano; a poesia é encontrada, portadora de uma agilidade expositiva feita do enredo complexo, conferindo a tragédia o atributo ser a expressão artística mais rica e perfeita, que expõe fielmente o aterrorizante aspecto da vida – caráter autofágico do querer (Vontade).

Adejando sobre toda a classificação das artes e a distinção filosófica elevada, a música é concebida por Schopenhauer dentre todas as expressões da arte como a mais sublime – enquanto para outros esse cargo era próprio da poesia. É próprio da música a autenticidade, sem repetição ou cópia de Ideias acerca da realidade do mundo, a linguagem ouvida é imediata e universal. Os graus todos de objetivação do querer são produzidos pela música formando um aproximado do mundo. Tem ela – a música a capacidade de transcender as Ideias, ir além visto que é a linguagem direta e imediata da coisa-em-si.

A música é concebida então, como verdadeira filosofia, pois a explanação implacável da música seria um esclarecimento e repetição satisfatória em conceitos do mundo mesmo. Assim, Schopenhauer formula a instigante afirmação que mesmo se não houvesse o mundo, ainda assim poderia haver música.

Com isso, a divina condição daquele que observa acontece em um pequeno intervalo de tempo – condição de captação profunda no âmbito estético, de contemplação da riqueza do belo natural e artístico; é como se fosse uma centelha de hora recreativa diante dos pesares mundanos. Nisso, se dá mais uma decepção na filosofia Schopenhaueriana: a breve duração da negação da Vontade. Logo, tem-se aí o regresso ao estado existência. É válido ainda lembrar que é necessária uma definitiva saída, que posteriormente na ética é manifestada.

### **1.5. Metafísica da Ética**

Na filosofia Schopenhaueriana o mundo é considerado apenas na perspectiva do físico, sem oferecer nenhuma satisfação metafísica. Esse êxtase só se dá no campo ético, pois o centro do interno desdobra-se ao interesse. Desse modo, um âmbito ético deve ser elaborado como permanecendo como parâmetro do mundo, no que diz respeito a sua classe física.

Em sua ética, Schopenhauer busca investigar o eixo de toda atitude considerada boa, moralmente falando – como fez as éticas que o antecederam. No entanto, aqui o objetivo é a clareza do conteúdo do acontecimento ético, que na linha de pensamento do autor é a restauração, seguida da negação da unidade primeira do querer. Esta já havida sido estabelecida e negada no belo, enquanto contemplado. A ética para nosso autor, é distinta das anteriores pois é meramente descritiva: especula o campo da ação boa, sem a ministrar.

É preciso ter em mente, o processo de passagem feito pelo próprio autor, entre ele e a estética no viés da compaixão – isso antes de chegar não só ao núcleo de sua ética, na verdade de sua filosofia por inteiro. A questão da compaixão, ao que parece, relata um nível de rejeição da Vontade superior, se considerar o do belo. É verdade, que na sua ideologia, compaixão é sinônimo de desaparecimento da distinção entre eu e não-eu.

Não há um enclausuramento em si do indivíduo, não cobra que o seu entorno volte a atenção para si. Entretanto, motivado pelo sofrimento do outro, tem uma ação com intuito de ajudar, desse modo, neutraliza em si o egoísmo fundamental a todo vivente, consequência de todos estarem em única e mesma Vontade. Desse modo, Schopenhauer diz assemelhar-se o mundo a uma criação do diabo, ao invés de Deus, embasado nesse egoísmo citado anteriormente e dos malefícios por ele produzidos.

Sem dúvidas, é maravilhoso, estupendo o sentimento de compaixão, que mesmo em meio ao egoísmo latente do mundo - análogo a um inferno, que contribui ao não-eu de modo que faz o eu perder-se nele, com intuito de ajuda-lo. Assim, a compaixão objetiva o bem alheio e alcança a nobreza em caráter e ao bom. É indispensável recordar que a compaixão compõe o eixo propulsor necessário da natureza humana. Agregado do egoísmo (quer o próprio bem-estar, isento de limites) e a maldade (almeja a dor do outro e alcança a crueldade).

Em contrariedade ao agir influenciado pela maldade ou pelo egoísmo, na compaixão a Vontade não é tida pluralizada pelo viés racional: “O sentimento compassivo, portanto, é a única fonte de toda ação não-egoística, logo, virtuosa, de amor ao próximo[...] (BARBOZA, 2003 p. 45). Desse modo, “[...]todo amor puro e verdadeiro é compaixão.” (SCHOPENHAUER § 67 I 444, 2005. p. 478).

Porém, existe uma contradição na teoria de pensamento de Schopenhauer, visto que na compaixão uma vida é negada, outra é afirmada – justamente a que é salva. Pois não há completude na negação da vontade, já que se tem um espaço para os tormentos da existência na vida salva. Desse modo, o filho do comerciante é conduzido a continuar a busca pelo momento, em que a Vontade abra mão por definitivo do viver – chance do sofrer, alcançando ao máximo de sua negação.

Passemos então a afirmação e negação da vontade, em que a após ter-se objetivado em uma diversidade de reinos naturais e alcançado o conhecimento de si no homem, a Vontade é capaz de perceber o todo da vida. Assim, à medida que o ser veja o generalizado sofrer das criaturas, opte ainda sim pelo viver, no movimento do retorno sempre novo, está como alocado

na afirmação plena e consciente do querer. Logo, a vontade é afirmada a si própria, ou seja, à proporção que à vida ou o mundo, em sua própria essência lhe é dada em completude como meio de representar esse saber, não empata o seu querer, sem embargo a vida assim vista, conhecida é de novo amada, querida. Contudo, agora percebida com clara consciência e noção.

Entretanto, não esqueçamos que em outro cenário (mais raro) o conhecimento do todo sofrido provoca no sujeito uma identificação com as criaturas que sofrem em sua totalidade – acontece então uma expansão da compaixão ao mundo inteiro. É aí que acontece a transição da compaixão para a ascese. Consequentemente, tem-se o remate da filosofia Schopenhaueriana, em uma metafísica da ética – foi encontrado o fato ético por excelência. Nisso, há uma aversão no homem com aptidão ascética, pela essência do mundo do qual é ele expressão. O que este anseia é o nada, uma fase eminente de anulação dos interesses e desejos.

Logo, os motivos não fazem mais efeito sobre a sua pessoa, visto que par onde é voltado a atenção é sentida a humanidade e os animais que sofrem, tal averiguação converte-se então um *quietivo*. Nessa perspectiva, o homem acético de modo curioso existe em seu envolto uma contradição, mesmo prevendo, por meio do princípio de individuação, existe ainda um corpo que afirma aquilo que a sua consciência nega - À medida que a compaixão salva uma vida ainda, há uma afirmação desta.

A consequência principal disso é o conflito constante contra o voltar-se na perspectiva da afirmação do querer realizado antes em corpo. Por esta razão, é visto aquele que alcançou a negação da Vontade, buscando preservar essa condição, sem calcular o custo disso; por intermédio da auto-renúncia e uma vida difícil, pura, de expiações e procura pelo que não é agradável. A finalidade de tudo isto, é o intuito de reprimir a Vontade que é esforçada nele constantemente. É repugnado, principalmente a sexualidade – foco do querer, e depois a possibilidade de este dar por certo em outros indivíduos. Desse modo, acontece a quebra proposital da vontade.

Deste modo, no contemplar estético (contemplação) e na compaixão acontece um indeferimento inconsciente e passageiro da Vontade de vida, logo em menores níveis, na ascese a negação já é consciente e duradoura, alcançando o seu nível máximo. Assim, é falado por Schopenhauer sobre uma clareza de consciência racional, que possibilita o homem saber que o mundo é terrível, por meio da visão da essência do mundo, e a ele renúncia.

Entretanto, Schopenhauer é tido ainda como filósofo do consolo e alerta-nos ao fato do conceito de nada, a refletir na negação da Vontade fundamentalmente é relativo, no que diz respeito a algo definido que por ele é negado.

Ao considerar escrupulosamente a questão, constata-se que não existe nenhum nada é absoluto e nem imaginável. Sendo um nada dessa classe, visto numa perspectiva superior é relativo novamente. Assim, “o nada só é quando está em relação a algo outro que é pensado” (BARBOZA, 2003 p. 48). Cada nada aparentemente pleno surge por finalmente como relativo. Ao observar o sinal “-” que contra posto a “+”, em uma inversão do ponto de vista torna-se positivo (+), assim percebe-se que ambos passam a ser positivos, pois acontece uma troca de sinais. Portanto, valendo-se da contradição lógica podemos concluir com este exemplo que “até mesmo uma contradição lógica é um nada relativo: embora não seja um pensamento da razão, nem por isso é um nada absoluto.” (SCHOPENHAUER § 71 I 484, 2005. p. 516). Nesse sentido, caso a representação – mundo perceptível, como reflexo da Vontade, for abraçada como elemento positivo e designado como o *ser*, a sua negação seria ao que parece, o nada.

Portanto, em Schopenhauer, distante de ser um niilismo destrutivo, a negação da Vontade é contraversão de ópticas do mundo, da física em favor da ética – rompimento das teias de egoísmo. É válido ressaltar que o nada da negação está relacionado com enaltecimento dos ensejos, no qual o intelecto proporciona aquietação do querer egoísta por meio do saber e não tem relação nenhuma com correntes ideológicas da ruína, do fragor existencial. Mesmo com esse saber – ofício dos astecas e santos, omitir-se a um relato positivo pela alocução, pois a linguagem culminou o seu limite, todavia é possível ser mostrado. Trata-se da misticidade – experiências de vida pautadas a luz de êxtase, abnegação do mundo, aliança com Deus, iluminação.

A condição aqui expressa não é precisamente saber, conhecimento; tendo em vista que tudo que aqui é vivenciado não dispõe (como anteriormente) a forma e o sujeito do objeto, de modo que a acessibilidade à vivência é possível somente a quem imergido tiver nessa experiência.

Contudo, chegamos assim, a última e também invencível crise da filosofia de Arthur Schopenhauer – contentar-se com o saber negativo da guinada do querer, alcançando com isso o marco limitante da linguagem, ou seja, do saber positivo. Nesse momento, o filósofo termina por calar-se, diante do seu caminho de pessimismo metafísico. Entretanto, no próximo passo de nosso estudo iremos conhecer a linha de um otimismo prático, que a filosofia Schopenhaueriana abre possibilidade, mas a esse assunto dedicaremos o segundo capítulo de nossa pesquisa.



## 2- A SABEDORIA DA VIDA

No segundo momento de nossa pesquisa iremos nos deter ao otimismo da obra de Schopenhauer – A sabedoria da vida. A consistência dessa produção é dada na possibilidade de uma vida menos desprezível e infeliz na agitação infernal que é o mundo. Em sua perspectiva, o autor afirma que nenhuma integridade (caráter) deve ser deixado a si próprio; é preciso um fio condutor embasado em máximas e conceitos de sabedoria da vida.

É compreensível por sabedoria de vida, em acepção particular do filósofo pessimista, que se trata da “[...]arte de tornar a vida tão agradável e feliz à medida das possibilidades individuais.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 25). Para dizer que remete a uma espécie de acordo sobre a vida próspera, sendo possível classificar essa pesquisa como eudemonologia. Visto que Schopenhauer “[...]elaborou também uma eudemonologia a partir de sua noção de sabedoria de vida (Lebensweisheit), assim como esboçou um manual de regras para a "arte de ser feliz".” (DEBONA.2016)<sup>6</sup>. Desse modo, vista dessa percepção, a vida feliz analisada em uma visão estritamente externa, furto de reflexões e análises vis e amadurecidas – por trata-se de subjetivas apreciações, é mais sensato a não existência. Consequentemente, é justificável que fiquemos apegados a essa definição, por temermos a morte e pelo desejo que se prolongue a vida imprecisamente.

É válido lembrar que as reflexões seguintes tem fundamento em torno de uma verídica acomodação, visto que o exame das coisas, sob o crivo habitual e empírico mantém a inexatidão indicada no princípio. Sua qualidade tem grande possibilidade portanto, de ser tão somente condicional, em consequência do termo eudemonologia ser tratado por nós como eufemismo. É indispensável ressaltar a clareza do autor em não deseja expor por completo, visto que para isso é necessário redizer o que os outros já expediram sobre a temática, à medida que iam traçando e esmiuçando esse caminho desenvolvido.

Sendo assim, a trajetória que iremos adentrar nos remete aos passos dados pelo filho de comerciante em nossa reflexão acerca do saber da vida. Por primeiro iremos nos deter a divisão fundamental trazida por ele dentro dos aforismos sobre a sabedoria da vida; seguido depois da compreensão do que cada um é, do que tem e do que representa; respectivamente. Será

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/4rxmfByxHBNB5hpGVJgnbKF/?lang=pt>. Acesso em: 08 de novembro de 2021;

observado ainda – sem seguir uma ordem sistemática (metodologia schopenhaueriana), uma série de conselhos e opiniões relativas à abordagem feita, ou seja, as máximas.

### **2.1. Aforismos – Uma divisão fundamental**

Como Pano de fundo, Schopenhauer lembra Aristóteles que organizou os bens da vida humana em três categorias, são elas: exteriores, os da alma e os do corpo. Assim, ele afirma que “[...]a sorte dos mortais gravita na redução dessas três coisas fundamentais[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 27) para mostra que a sua organização se assemelha a categoria aristotélica somente no que diz respeito a quantidade numérica, sendo estas: o que cada um é, o que cada um tem e o que cada um representa. Mas a estas classificações nos prenderemos mais à frente.

É válido nesse momento primeiro, salientarmos que “Para o bem-estar do indivíduo e de toda a sua maneira de ser, o principal é o que se encontra ou se produz nele” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 28) é dado a condição lógica, desse modo, do estar bem ou estar mal do ser humano. Tudo parte unicamente dele – as coisas externas não exercem influência direta e imediata sobre o ser, a não ser que estas determinem a causa dos fenômenos internos. Desse modo, ao que decorre fora do indivíduo tem influência, mas indiretamente – em forma definitiva surge, *a priori*, o produto de sua sensibilidade, da vontade e de seus pensamentos.

Nessa perspectiva, o autor nos ajuda compreender que a realidade em que estamos inseridos, mundo no qual vivemos parte do modo de quem o percebe, sendo distinto de um indivíduo para outro. É também pela individualidade do ser humano que foi determinado previamente a marca contínua de sua felicidade provável. Em determinado momento da obra, o autor parafraseia Sócrates, que em um de seus pensamentos lembra da enorme quantidade de coisas que existem no mundo e que não necessitamos, afim de reafirma o interior humano e somente ele, como responsável direto e primeiro pela felicidade.

Desse modo, concluímos que “[...]a condição essencial para a felicidade na vida é o que somos, isto é, a própria personalidade.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 31) É dela que emana a maneira de agir e portar-se do ser humano, no seguimento tendencioso as nossas aspirações que são guiadas pelo viés da personalidade, como bem explica Schopenhauer na seguinte passagem:

A única coisa que poderemos fazer é empregar a nossa personalidade tal como se fôssemos tirar proveito dela; por conseguinte, não devemos perseguir senão as aspirações que nos correspondem; não procurar se não desenvolver o que nos é apropriado[...] (SCHOPENHAUER, 2012. p. 32).

É imprescindível a relevância que a primeira classe tem em relação as outra - alerta o autor, visto que é mais importante esforçar-se para manter a saúde, conservá-la e aprimorar os saberes e faculdades do que obter fortunas. Isso não deve ser entendido em acepção ampliada, ocasionando o desprezo a aquisição do indispensável e adequado. Outro aspecto, que deve ser visto com muita atenção nessa perspectiva schopenhaueriana é a questão da riqueza: “Mas a riqueza propriamente dita, isto é, o supérfluo[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 33) para dizer dos bens materiais. Estes por sua vez, tem uma significância mínima para a nossa alegria, felicidade.

A condição de riqueza faz muitos ricos sentirem a desgraça, pois na tese de Schopenhauer, os indivíduos oriundos dessa situação não são contemplados por uma real cultura do espírito, portanto, privados da completa magnitude objetiva – oportunidade para torná-los competentes a ocupar-se intelectualmente. Em poucas palavras, a anterior ideia é reafirmada no seguinte trecho: “A riqueza pode proporcionar a satisfação das necessidades reais e naturais, todavia, exerce uma influência mínima sobre nosso verdadeiro bem-estar.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 33) Assim, é nítido como nossa condição de estar bem ou não, pouco depende da riqueza.

É triste perceber que a grande maioria das pessoas se preocupa pouco demais em adquirir uma verdadeira cultura do intelecto, é preferível da parte da maioria dos indivíduos deter-se a conquistar riquezas. Fica no esquecimento que o que cada um é, que isto favorece muito mais a própria felicidade, do que o que cada indivíduo tem. Por conseguinte, ficam os que assim agem, limitados demasiadamente ao horizonte da aquisição pelo dinheiro. Essa reflexão que o autor nos ajuda a fazer ainda vai além: pessoas condicionadas a esse ponto tem o espírito vazio e esquivo a uma grande ocupação, seja ela qual for.

Tudo que remete a casta intelectual (gozos elevados, deleites intelectuais, etc.) são inalcançáveis. São vistos como algo chocho, preenchidos por satisfações fugitivas, sensuais, rápidas e que levam um tempo exacerbado para alcança-las. Contudo, recordo-me dos conhecidos ditos populares, que em uma sabedoria de vida popular afirmam: o dinheiro não traz felicidade. Desse modo, fica evidente que o essencial e necessário pra se alcançar a felicidade na vida é “[...]o que o indivíduo tem em si mesmo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 31).

Quanto à questão do bom-senso, é primordialmente reduzida. A condição de vazio interno, por fim, é fruto da situação daqueles que conseguiram vitória no embate contra a

penúria, emanando um sentimento de desgraça tal qual aqueles que ainda persistem na luta. Esse estado de vazio, somado a insipidez de sua miserável sapiência, faz-nos buscar a companhia dos demais, visto que os iguais com iguais se compreendem.

Dessa maneira, em comum acordo, dar-se início, como uma caça ao tesouro, a busca às diversões e passatempo, buscado nos gozos da sensualidade, a seguir, nos prazeres existentes em todas as classes, e por derradeiro, no descontrolo (desregramento) geral. nisso o autor ainda nos ajuda a refletir a cerca daqueles que são repletos da riqueza exterior, em bens, mas pobre enquanto interior e natureza humana. E ainda, nessas condições o indivíduo não se esforça para nivelar as duas dimensões, pelo contrário: o tédio cresce como produto da pobreza e vazio espirituais. Assim sendo, “[...]a pobreza interior, acaba por produzir também a pobreza exterior.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 34).

Por fim, Schopenhauer não enaltece a relevância das outras categorias de bens da vida humana, visto que a riqueza é hoje, absolutamente amada com intuito de carecer para que seja sugerida. Comparada à segunda categoria (a saber que esta não se constitui na opinião dos demais) a terceira é de natureza extraordinária. Porém, é muito bem lembrado também pelo autor, que cada ser humano obrigatoriamente deve ansiar a honra, ou seja, ser um bom ser humano. Já a posição só pode ser almejada por aqueles que estão a serviço do estado, como também aos perseguidores da glória – apenas alguns são capazes de pretendê-la. Contudo, “A honra é considerada um bem inapreciável e a glória a coisa mais esquisita que um homem pode pretender.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 34) A denominação dada sobre a segunda e terceira classe - exercendo uma sobre a outra, é ação recíproca. Desse modo, *se tens – terás* e em sentido contrário, e uma fama boa, por outros meios, possibilita-nos obter um conjunto de bens.

## **2.2.Do que cada um é, do que tem e do que representa**

Dentro da classificação schopenhaueriana, como já foi citado em primeiro aspecto tem-se a personalidade em sentido dilatado, ou seja, o que cada um é. É verdade também que o que é cada indivíduo favorece mais a sua realidade do que o que *tem* cada um, ou que é representado por ele.

Tudo isso firma o que diz o filho do comerciante: o fundamental é sempre o que o ser humano é; depois o que é possuído por ele em si mesmo, pois o aspecto da individualidade está presente em todos os lugares e em todos os tempos e influencia todas as ocorrências de sua vida. Assim, em cada acontecimento o afetado primeiro é ele próprio – é verdade,

principalmente no que diz respeito os próprios prazeres, em maior perspicácia os remetentes ao espírito.

Sendo assim, em sentido ampliado esta classe é desenvolvida nos âmbitos da saúde, da força, da beleza, do temperamento, do caráter moral; e por último, da inteligência e suas manifestações. A seguir veremos a esplanada temática de Schopenhauer acerca de cada requisito. Recordo que não estenderemos a reflexão, o foco é a objetividade de cada âmbito, buscando compreender de maneira mais clara possível.

Nessa perspectiva, o aspecto primeiro está relacionado com a saúde do espírito e do corpo. O autor ressalta mais uma vez a personalidade (o que tem em nós e por nós mesmos) e o valor que ela tem, são a casa iminente de nosso bem-estar e de nossa felicidade. E ainda, tanto os demais valores, como sua ação podem anular-se por si próprias; com exceção da individualidade. Contextualizando a este fenômeno da individualidade o autor apresenta a seguir a:

Mas se a individualidade é de má qualidade, todos os gozos serão como vinho generoso em uma boca impregnada de amargura. Em boa ou má fortuna, salvo a eventualidade de grande desgraça, o que sucede a um homem em sua vida tem menor importância do que a maneira como ele se *sente*, isto é, a natureza e o grau de sensibilidade sob todos os aspectos. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 35)

A individualidade assim, tem uma ação consciente e contínua mais o menos a todo instante. A consciência por sua vez “[...]é a única coisa permanentemente e persistente[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 36). Depois, o autor segue o tracejado de sua ideia que nos revelam os constituintes do combo de supremos bens para a felicidade e humana. São eles: “[...]os bens subjetivos, tais como um caráter nobre, um cérebro poderoso, o humor alegre, o corpo bem organizado e em perfeita saúde[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 36). Assim Schopenhauer, ressalta mais uma vez a dedicação que deve ser empregada na conservação e desenvolvimento da honra externa e dos bens externos.

Nesse conjunto corpo-espírito, o humor jovial é posto pelo filho do comerciante como contribuinte direto para a nossa felicidade, visto que, é nas próprias partes que esse atributo encontra de imediato sua retribuição. E ainda, quem é alegre tem razões pessoais para isso; nada pode substituir essa qualidade. A felicidade parte do bom humor, do ser alegre: “Se for alegre, então pouco importa que seja jovem ou velho, bem formado ou coxo, pobre ou rico, pois é feliz.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 36)

Assim, o recomendado segundo o autor é que cultivemos a alegria, sempre que esta apareça, esteja presente. Para ele “A alegria constitui o bem supremo de todos os seres, cuja

realidade tem a forma de uma atualidade indivisível entre dois tempos infinitos.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 37) Logo, não só cultivá-la, mas também aspirá-la, tendo em vista que, o que menos favorece esse bem é a riqueza e o que mais beneficia essa felicidade é a obtenção da saúde. Ainda segundo o autor as classes consideradas inferiores - e ele especifica os trabalhadores do proletariado de terras, expressivamente mostram as faces mais alegres e felizes. Já entre os grandes e ricos, a melancolia é predominante.

Conseqüentemente, o mais indicado é preservar essa perfeita condição de saúde. Para tal fim, é indispensável o movimento dos órgãos e do corpo. Práticas higiênicas como banho frios, exercícios rápidos ao ar livre são algumas sugestões que o autor aponta. O mais relevante que Schopenhauer deseja esmiuçar aqui é o movimento no viver como elemento protagonista e necessário. Para ele “A vida consiste essencialmente no movimento.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 37). Tudo isso afim de esclarecer que nossa felicidade está condicionada a uma alegre disposição de ânimo e da condição de saúde.

Segundo o autor, a grande parte da felicidade baseia-se na saúde; “[...]com ela tudo se converte em manancial de prazer; sem ela não podemos desfrutar de bens exteriores, de quaisquer naturezas que sejam.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 38) é pela enfermidade que são reduzidos ou até declinam todo bem do âmbito subjetivo, como as virtudes de inteligência, caráter e coração. No entanto, é por meio da razão que somos informados reciprocamente da situação de saúde e almejamos mutuamente o bem-estar: “[...]por que isso é, em realidade o mais importante da felicidade humana.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 38) O pessimista ainda diz, ser a loucura em nível mais grave por em sacrificio a saúde pela riqueza, estudos, sucesso, glória e particularmente o desejo e os gozos fugitivos; longe disso, a saúde deve transpassar tudo.

Por mais que seja significativamente maior a influência da saúde sobre a alegria tão necessária a felicidade, não depende esta unicamente da condição de saudável, pois é possível ter-se uma perfeita saúde e ao mesmo tempo ser portador (a) de um melancólico temperamento ser disposto predominantemente a tristeza. Como bem diz Schopenhauer, tudo partirá também do quesito da sensibilidade:

A causa reside na constituição primitiva e imutável do organismo e especialmente na relação normal da sensibilidade com irritabilidade e reprodutividade. Uma preponderância anormal da sensibilidade produzirá a desigualdade de humor, isto é, uma alegria periódica, exagerada, melancólica, temporal, excessiva. O gênio está determinado pelo excesso de força nervosa, isto é, da sensibilidade (SCHOPENHAUER, 2012. p. 38)

Desse modo, vemos que o autor ajuda a compreender que a felicidade e o modo de vida de proceder dos seres humanos, provém em parte, também da sensibilidade. Por conseguinte, a suscetibilidade distinta dos seres, as impressões agradáveis ou desagradáveis, humor fácil ou humor difícil. É nessa dinâmica de ações sensíveis que estão classificados, alocados os seres no grande espetáculo da vida.

Entretanto, é válido ainda estar atento as inclinações negativas, pois estas podem produzir o tédio da vida, que por sua vez, leva a aclive letal ao suicídio na perspectiva schopenhaueriana:

Não obstante, quando uma afetação mórbida do sistema nervoso e do aparato digestivo recrudescer um humor triste inato, este poderá, então, culminar em um grau em que o desgosto permanente produz o tédio da vida, de onde resulta a inclinação letal ao suicídio. Este ato poderá ser provocado pela mínima contrariedade, já que para atingir esse grau maléfico não se necessita de muitas ponderações, só a permanência do mal é suficiente para a determinação do ato. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 39-40)

Assim, a importância do zelo e cuidado do corpo e do espírito apresentado pelo filho do comerciante fica nítido. Porém, a condição de ser humano saudável e feliz- alegre, pode também lançar-se no suicídio.

Outro aspecto que compõem o que cada um é posto por Schopenhauer, é a beleza. Esta por sua vez é proporcional à saúde. O autor não se prolongou muito sobre este componente em sua obra. Mas é válido elencar algumas considerações posta pelo o autor. Primeiro, esta qualidade objetiva- A beleza, tem uma contribuição indireta para a felicidade por meio do influxo que produz para os demais. Entretanto, tem uma exacerbada relevância para o sexo masculino. Por fim, a beleza “[...]é carta aberta de recomendação, pois conquista os corações de antemão;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 41).

No seguimento do que é cada um, é apresentado pelo autor um terceiro aspecto: a dor e o tédio – a inteligência. É posto na linha de pensamento schopenhaueriano a dor e o tédio como inimigos da felicidade humana. Segundo essa perspectiva do autor, à medida que tomamos distancia de um, nos aproximamos de outro e vice-versa. Logo, a vida humana está firmada na oscilação dessa dicotomia. Por sua vez, esta é provinda do antagonismo purificado em que acontece o encontro relacional de uma com a outra – sendo um antagonismo exterior e objetivo e contrariamente à outra, é interior e subjetivo.

Desse modo, a privação e necessidade (exterior) criam a dor, e já o tédio nasce do bem-estar e da abundância. Isso explica a classe classifica baixa (povo) que luta continuamente em

oposição a necessidade, por consequência, em objeção a dor. Quanto a classe alta (rica), trava uma luta contínua, até em desespero as vezes, em posição ao tédio.

Em seguida, tem-se as forças intelectuais (inteligência) que determina a seguinte suscetibilidade: o antagonismo citado anteriormente, seja ele interiormente ou subjetivamente; firma-se no fato de que em todos os indivíduos, a incomplexidade para abalar-se com os males – dor e tédio, tem inversamente relação com a imagem produzida pelos outros. Isso é dado na seguinte passagem referente a questão da inteligência obtusa, termo usado por Schopenhauer:

Um espírito obtuso é sempre acompanhado por impressões obtusas e de escassa sensibilidade, o que torna o indivíduo pouco acessível às dores e aos desgostos de toda espécie e de todos os graus; porém, essa qualidade obtusa da inteligência produz o vazio interior que se revela através de tantos semblantes e que se manifesta por uma atenção sempre despertada a todos os acontecimentos insignificantes do mundo exterior. Esse vazio é a verdadeira causa do tédio. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 42)

Logo depois, o autor ajuda-nos a refletir acerca das pessoas que se rendem as distrações existentes no meio externo e como é lastimável a situação dos que assim procedem. O vazio interno estimula então, perseguir os mais diversos tipos de encontros e reuniões, de divertimentos de prazeres de luxo – uma busca que conduz a grande maioria ao não encontrar êxito e sim ao desbarato e por fim, a miséria. Na acepção schopenhaueriana, só é possível esquivar-se desse mal pela riqueza interior:

A atividade incessante dos pensamentos, o exercício sempre renovado em presença das manifestações múltiplas do mundo interior e exterior, a força e a capacidade das combinações sempre variadas põem o cérebro superior fora do alcance do tédio, exceto nos momentos de fadiga. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 42)

Desse modo, o ser humano dotado de inteligência, irá buscar antes de mais nada, esquivar-se do aborrecimento e da dor, na procura de prazeres agradáveis e úteis, por conseguinte, do repouso. O homem buscará, contudo, “[...]uma vida tranquila, modesta, defendida dos infortúnios.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 42-43). Além disso, o ser humano em sua comum condição, irá deter-se apenas percorrer o tempo; já aquele dotado de talentos irá traçar meios para aproveitá-lo – afirma Schopenhauer. E ainda, feliz é aquele que basta pra si apenas a sua riqueza interior, exigindo pouco ou até nada do mundo exotérico para sua satisfação. Para o filósofo pessimista, é limitado demasiadamente e altamente problemático o que o indivíduo pode ser para o outro: “Acho que não devemos receber nada dos outros e menos do mundo exterior.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 45). Deste modo, somos aconselhados a evitar um condicionamento de nossa felicidade ao meio externo.

Por conseguinte, o amor próprio é indispensável para uma condição real de felicidade. Cada indivíduo, deve, portanto, garantir a si próprio o mais importante e o que tiver de melhor;



“Se assim proceder encontrará em si mesmo as causas e os prazeres que o tornam feliz. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 46). Seguindo a perspectiva do Schopenhauer, em que o tédio é responsável por atormentar os grandes e ricos mais do que os pequeninos. Na incansável fuga, os homens deixam os confortos que estão inseridos. Quando gozam da juventude, as suas forças (sejam elas musculares e genitais) suprem os gastos. Entretanto, o que sobra mais tarde é somente as forças intelectuais – caso falte essas forças ou materiais munidos, a miséria será exacerbada. Resta então para esses indivíduos o exercício das paixões, visto que a *vontade* é a única força inesgotável.

No processo tratado pelo autor, é elaborado um método que explique três forças fisiológicas fundamentais. São eles: a força reprodutiva, gozos ligados a comida, bebida, digestão, no descanso e no sonho - *gloriosos prazeres racionais*. Por segundo, tem-se os gozos relacionados a irritabilidade; as viagens, baile, a equitação, os jogos atléticos de toda as classes, bem como a prática de caça e ainda, os conflitos de guerra. Por fim, os gozos de sensibilidade, são eles contemplar, sentir, escrever poesia, escultura ou música, ler, inventar, estudar, meditar, filosofar etc. É relevante lembrar a forças intelectuais são dotadas do ramo da sensibilidade e são proporcionadoras do demais gozos: “Nossas forças intelectuais pertencem a sensibilidade e por esse motivo julgo que seu predomínio nos torna aptos a desfrutar dos gozos que residem no entendimento.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 49).

Outro aspecto imprescindível posto pelo autor, é a inteligência posta como patrimônio que produz felicidade aqueles que a desfrutam. Já afetividade pode ser usada como algo benéfico ao ser humano também: “Sobre a vida afetiva, pode-se transformá-la em vida intelectual que lhe ocupe e lhe divirta *sem dor*, podendo mantê-la vivaz e atarefada. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 51). Ademais, uma vida dotada do intelectivo não só nos livra do tédio, mas poupa-nos de suas terríveis consequências, bem discursa o pessimista acerca desse livramento dado pela intelectualidade da vida: “Resguarda-nos contra as más companhias e contra inúmeros perigos a que o homem se expõe ao procurar sua felicidade na vida real”. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 52) pode até ser que não proporcione nenhuma riqueza material, entretanto, é patrocinador do sossego e conforto, conclui o autor exemplificando com sua filosofia. Ao homem agraciado com esta dádiva intelectual, é uma irresistível necessidade ocupar-se consigo próprio de maneira permanente, com suas produções e seus pensamentos. Desse modo, solidão é tida como *amiga* e a ociosidade como bem supremo.

Após a apresentação destas preliminares ressalvas, podemos concluir em Schopenhauer, que o indivíduo mais feliz é aquele provido de intelecto pela natureza, sendo categórica essa

relevância, quando considerado o que tem o ser humano dentro de si e não o externo, ou seja, fora de nós. Ainda, um último teor que compõem o que cada um *é* posto pelo autor é a dimensão espiritual, visto que aquele homem agraciado intelectualmente não carece dessa ocupação: “[...]o homem devido à medida estreita e suficiente de suas forças intelectuais, não *tem necessidades espirituais*.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 55).

Seguindo a classificação da divisão fundamental em nosso filósofo pessimista, vejamos agora o segundo tópico que corresponde as propriedades e aos bens de todas a classes, ou seja, o que cada um *tem*. Desse aspecto, considera-se a ausência de posses que o indivíduo nunca idealizou em possuir, visto que não provocará nele coação nenhuma. A satisfação aqui sempre será entorno do que já se tem., diferentemente dos que sempre lhe faltam algo; são considerados *desgraçados* - Sempre faltará algo de sua cobiça.

Quanto ao dinheiro, as riquezas são motivos de acusação aos homens, sendo uma espécie de deus, ídolo. Prendem os seres humanos a sua atenção nele, o amam como algo mais importante neste mundo. No entanto, o autor alerta-nos que o dinheiro não é a totalidade de tudo, “o dinheiro é o bem absoluto porque não provê unicamente a uma só necessidade *in concreto*, mas a necessidade geral *in abstracto*.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 61) Desse modo, o que corresponde a fortuna que se dispõe, aos bens, ao capital deve ser classificado por nós e tido como uma base “[...]contra os grandes males e desgraças possíveis[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 61) e não como meio obrigatório para buscar os gozos mundanos. Entretanto, Schopenhauer alerta sobre a conservação dos bens que se tem, sejam eles herdados ou adquiridos, é denominado como uma vantagem essa apreciação e cuidado, visto que “Essa preocupação consiste na imunidade das misérias e dos tormentos anexos à vida humana” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 61) Assim, é de muito bom grado e prudente agir desse modo. Por fim, na perspectiva schopenhaueriana é preferível ter vindo ao mundo desprovido de bens, que viver na perseguição de bens, favores, privilégios e viver a infelicidade.

Seguido a isso, a terceira classe posta pelo filho do comerciante diz respeito ao que cada um representa. Isso quer dizer sobre o modo como é considerado pelos demais um determinado indivíduo, ou seja, a opinião sobre ele. Para melhor compreender o autor subdividiu esta classe em honras, categoria e glória.

Em síntese, o autor a princípio nos apresenta a o quão assombroso é a nossa dependência e condicionamento acerca do que os demais pensam sobre nós e as impressões que provocamos nestes: “Apreciamos demasiadamente o que representamos e realçamos as

opiniões dos outros, segundo nossa personalidade[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 67) mesmo que o exercício reflexivo nos ajudasse a entender que nesse aspecto não contribuição para nossa felicidade. Por outro lado, a questão da honra é desde que seja ela suplente da moral. “O sentimento de honra é uma propriedade que pode exercer uma influência saudável sobre a sorte das pessoas, como sucedâneo da moralidade.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 67) logo, a honra é posta como elemento positivo. No entanto, ação sobre a felicidade real do homem, de modo muito específico sobre sua independência – condição necessária para a felicidade, é negativamente perturbador e prejudicial.

Como já foi bem frisado, o autor nos diz que o essencial para a felicidade dos indivíduos depende daquilo que somos para nós mesmo. Desse modo, é classificado uma tolice e não passa de uma superstição atribuir valor exacerbado ao que diz respeito sobre a opinião dos outros, sendo classificado até mesmo como uma loucura:

Se a sua figura, estampada nos cérebros dos outros, lhe satisfaz mais que a si mesmo, a apreciação direta do que não existe diretamente isso constitui uma loucura sem ser uma loucura, com nome de Vaidade que se chama *Vanitas*, para indicar este vazio o fictício dessa tendência. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 70)

E ainda, o quão maléfico seria para a saúde e para o intelecto seria se assim acontecesse ao ser humano:

Nessa contingência, vemos claramente até que ponto a maioria das opiniões nos cérebros dos homens é, por vezes, falsa, errônea e absurda. Como a opinião dos outros exerce pouca influência sobre nós, na maioria dos casos, e das coisas, todo indivíduo adoeceria de cólera se ouvisse em que tom os outros falam dele. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 72)

Desse modo, fica claro a irrelevância a inutilidade acerca da opinião dos demais indivíduos acerca do homem e teor negativo que isso pode provocar. Já quanto a posição que elencamos, o autor nos ajuda a entender que não passa de um mero valor fictício que atribuímos. Logo, as “[...] condecorações, sendo distribuídas injustamente, illogicamente ou de maneira excessiva perdem seu valor;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 76) e são irrelevantes. Estas devem ser realizadas com discernimento e equidade pela execução dos ofícios.

Quanto a questão da honra, é posta pelo autor como mais complexa que a posição. Antes de mais nada é preciso definir o conceito de honra. Para o autor honra trata-se de “[...]objetivamente, a opinião que os outros têm sobre nós e subjetivamente o temor que nos inspira essa opinião.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 76) No entanto, essa máxima exerce uma ação saudável sobre o ser de honra, apesar de não ser ele fundado na moral casta.

A honra parte do relacionamento constante, oriundo do contato com os indivíduos; em que promove o nascimento de uma confiança. Essa consiste “[...]que uns indivíduos têm que ceder uma parte de suas opiniões aos outros, originando-se daí muitas espécies de honra.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 77) Com isso, surge as subdivisões da honra, onde as relações principais formam o específico de cada um (meu e teu), obrigações que sujeitam uns e outros, no fim as relações sexuais – equivalentes a honra burguesa, a honra do cargo e a honra sexual, cada uma ainda com ramificações que subdividem.

A honra burguesa está relacionada ao respeito absoluto dos direitos dos indivíduos, em que não há emprego da injustiça e da ilicitude que promovam benefícios. Gera-se a condição de participação pacífica dos homens em sua totalidade. Na perspectiva do autor, a perda da honra é irreparável e “Ninguém escapa de sua influência” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 78). Tem o nome de origem verdadeira na classe dos burgueses, mas se estende a todos. É contrário a calúnia e a injúria.

Já a honra de cargo diz respeito a opinião geral de determinado indivíduo responsável de um cargo têm, de fato, tudo que compete a ele e é exigido e desempenha em qualquer situação que seja, pontualmente as obrigações de seu ofício. A humildade aqui “[...]deve acentuar-se progressivamente.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 79) Esta honra é designada a todo aquele que se autoafirmou apto a trabalhar intelectualmente no cargo que exerce, por meio de uma declaração oficial, ou seja, “[...]a honra desta qualidade é comum a todos os que se podem compreender sob a denominação de *empregos públicos*.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 80) O autor inclui ainda nessa categoria a honra militar – ofício daqueles que se dedicam a defender à pátria.

A honra sexual por sua vez gira em torno das considerações de utilidade. Nisso o autor, abre um leque a respeito do sexo masculino e feminino. E ainda na conservação e cuidado do corpo, garantido sua fiel atividade – o que é próprio das mulheres: “[...]todo sexo feminino vela com carinho pelo *esprit de corps*, para que todos os seus membros cumpram fielmente os seus deveres.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 81) Ademais, é apresentado como elementos dessa honra o matrimônio, adultério, direitos feministas, o machismo; melhor dizendo questões que partem dessa honra – sejam eles negativos ou positivos, além da honra na dramaturgia. Em síntese, “A honra sexual dos homens é, como das mulheres, uma pura manifestação do espírito de classe do corpo oposto;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 83)

No que concerne, em último aspecto do que *representa* cada ser humano, a glória. Esta remete ao conhecimento do indivíduo e conduzir este as regiões mais distantes. No entanto, diferentemente da honra, que todos podem aspirar; a glória só “[...]é adquirida por intermédio das produções excepcionais.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 103) ou seja, por atos e obras. Isso porque as obras tem a sua imortalidade em si mesma e obras – principalmente as escritas, podem atravessar todas as épocas, ou melhor, sobreviver.

Sua fundamentação é dada no que é um determinado ser humano em relação com os demais. Partindo dos méritos alcança-se a glória, como também podem existir méritos sem glória – tudo parte da análise feita. Schopenhauer fala da gloria em áreas como artes, literatura, profissão, fama, ciência; dentre elas a própria filosofia. ele afirma ainda que o caminho pela ciência é o que está ainda em nosso alcance.

Após essa explanada acerca do que somos - em nossa individualidade, do que temos e do que representamos, tomamos consciência de elementos base da felicidade humana, sempre na perspectiva schopenhaueriana. Desse modo passemos ao centro de nosso estudo, as máximas e aforismas acerca do bem viver.

### **2.3.Máximas Schopenhauerianas – A arte do bem viver**

Após essa explanada acerca do que cada um *é* do que *tem* e do que *representa*; iremos nos deter a chave central de nossa pesquisa: 53 teses, que na perspectiva de Schopenhauer é de suma importância para bem viver no mundo, sendo o inferno que ele é. Para isso, nosso autor foge de qualquer ordem sistemática existente; não tem pretensão nenhuma de ser completo visto que teria de repetir uma diversidade de regras exacerbadamente numerosas e magnificas que nomes de todos os tempos já de dedicaram a expor.

O método utilizado por Schopenhauer aqui é realizar sua reflexão com base no que primeiro lhe surgia em mente e lhe era recordado. Embora essa flexão quanto a metodologia usada pelo autor, ele organiza esta grande variedade de opiniões, e as classifica em máximas gerais e relativas a nosso proceder para conosco, para com os outros, e finalmente ao passo das coisas e do rumo do mundo.

#### ***Máximas gerais***

Abarca as três primeiras teses. A regra suprema [1] de toda sabedoria de vida segundo autor gira entorno de uma enunciação proposta por Aristóteles que consiste no homem sábio aquele que busca a ausência da dor e não a perseguição do prazer. Logo, viver feliz em

Schopenhauer “[...]deve-se entender somente como *menos desgraçado*, em uma palavra, tolerável.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 118-119). Nessa perspectiva, ao estimar a situação do ser humano, tendo como base sua felicidade, devemos deter-se não ao que lhe entretém divertidamente, mas ao que pode lhe causar tristeza [2] pois assim será possível evitar-se ao máximo o sentimento de tristeza e será o homem mais feliz, a considerar que “[...]quanto mais insignificante for o que lhe aflige, mais feliz será o homem;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 123).

Depois, é sábio ao indivíduo conter-se em edificar a sua felicidade na vida, em um amplo leque de propósitos e projetos, amplificando numerosamente pretensões à vida feliz. Caso contrário, uma felicidade alicerçada nesse propósito, facilmente irá desmoronar, originando um desastre infalível. [3] Estabelecer os objetivos e pretensões ao menor nível, proporcional aos meios de toda a espécie, será a trajetória mais segura, que irá garantir segurança evitando desgraças enormes. Segundo o pessimista, “É geralmente uma loucura das mais divulgadas, tomar, de qualquer maneira que seja, grandes medidas na vida.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 123).

### ***Relativo a nosso proceder para com nós mesmos***

Consiste [4] no ser humano, quanto a sua posição transpor pela vida, o tempo de sua existência, acerca da totalidade de sua vida e do caráter moral da mesma. Para isso, o autor salienta que é necessário considerar a expressão *conhece-te a ti mesmo*, dando passos significativos, de modo que tenha claro o que se quer realmente. Cabe, pois, ao indivíduo “[...]conhecer o que é essencial à sua felicidade, do que vem em segundo ou terceiro lugar; é preciso que leve em conta o conjunto de sua vocação, de seu ofício e de suas relações com o mundo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 125-126).

Um aspecto [5] relevante para a sabedoria da vida é a importância para qual dedicamos um fragmento de nossa concentração ao tempo presente e outro ao futuro. De modo que um não se permita ao outro perde-se. Isso é dito pelo autor, visto que algumas pessoas vivem presas excessivamente no presente, sem dá o devido valor; enquanto outras são tímidas e inquietas, pois vivem exageradamente no futuro.

Logo, é atípica “[...]as vezes que se ajustam ao meio termo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 126) por isso que muitos comentadores do autor da obra magna, expõe também a importância de se dar ao devido tempo a relevância adequada. Vejamos a seguir: “E não se pode querer no passado, mas apenas no presente, porque a forma da vida, na qual ela se manifesta, é um eterno

presente. Ninguém vive a vida no passado ou no futuro, mas vive-a tão somente na forma do presente.” (BARBOZA. 2000)<sup>7</sup>. Fica nítido não só o quão relevante é aderir a cada período o seu sentindo e valor, como a vivência do tempo presente da melhor maneira possível:

Assim, pois, em lugar de nós nos ocuparmos exclusivamente com planos e inquietações do futuro, ou de nos entregar à nostalgia do passado, nunca deveríamos esquecer-nos de que o presente é real, que só ele é certo e que, pelo contrário, o futuro se apresenta, quase sempre, distinto do que pensávamos e que o passado foi diferente também, o qual faz, em resumo, que o passado e o futuro sejam ambos de muito menor importância do que lhe parece. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 127).

Sendo assim, é claro o modo que se deve proceder, perante o espaço de tempo cronológico para viver bem, de modo que seja proveitoso o tempo real. Depois, o filho do comerciante afirma que outro elemento chave para a nossa felicidade é a limitação [6]. À medida que limitamos nosso campo de visão, de contato, de ação, somos mais felizes; visto que quanto maior for o âmbito, maior também será a tormenta e inquietação sentida por nossa condição humana: “[...]quanto menos excitação de nossa vontade há, menos sofrimentos haverá;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 129). Desse modo, no que tange as coisas do espírito, a limitação é positiva e de muito proveito à nossa felicidade.

Além disso, o escritor de *O mundo como vontade[...]* coloca em última instância, o relevante para nossa felicidade, [7] aquilo que adita e ocupa nossa consciência. Para isso, é necessário dispor de um espírito suplantado, visto que “[...]todo trabalho puramente intelectual proporcionará, totalmente, mais recursos ao espírito capaz de dedicar-se a ele, do que a vida real com suas alternativas constantes de êxito e de fracassos, com suas sacudidas e suas tormentas.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 129).

É advertido ainda, que observemos por um lado o externo da vida que nos distrai – rompe com o estudo e isenta do espírito a tranquilidade e reclusão obrigatórios, e por outro lado, a constante ocupação do espírito nos torna inaptos a misturar-nos no tumulto e inquietação da vida em sua realidade. Para reter esse posto, em caso de ser preciso nas circunstâncias, uma prática e enérgica atividade a prudência é de muito bom grado.

Entretanto, para subsistir com a prudência ideal e absorver com base na experiência todos os aprendizados, é preciso regressar muitas vezes para trás, pelo viés do pensamento e rememorar tudo que visto, feito, aprendido, e sentido no desenrolar da vida. [8] Desse modo a

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/PsxnKtsX6fv3Zt8nyrKVhzd/?lang=pt>. Acesso em: 09 de novembro de 2021;

experiência vêm nos oferecer lições particulares, tal como um professor particular. É válido então, na perspectiva schopenhaueriana, uma constante análise da vida:

O homem que vive no tumulto dos negócios ou dos prazeres sem examinar o seu passado e que se contenta em atirá-lo ao esquecimento da sua vida perde toda a clareza da razão; seu espírito se converte num caos e nos seus pensamentos penetra certa confusão, queda testemunho a sua conversação abrupta, fragmentária, isto é, sem regras. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 130)

Assim, é indispensável fica evidente a necessidade de preservar com cuidado e cautela as marcantes épocas significativas de nossa vida. Para isso, a memória ou a escrita são de muito valia. O autor sugere-nos escrever um diário.

Seguindo o caminho traçado por Schopenhauer para a nossa felicidade, a condição mais próspera é o *bastar-se a si mesmo* [9], ou seja, novamente aparece a máxima aristotélica em que “[...]não se tem que contar se não consigo próprio;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 131). O aspecto novo acrescido a essa tese é a solidão posta como um benefício e como indispensável para ser feliz visto que, é por ela que irá o homem encontrar-se consigo mesmo além ser ela meio para a liberdade: “[...]não se é livre senão estando só.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 131) e ademais, “[...]cada qual aprecia em si, o seu verdadeiro valor.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 131). A solidão é posta ainda como propriedade de quem é da casta superior, no que diz respeito a ser dotado intelectualmente. Por fim é por meio da solidão que se alcança bem-estar de vida: “A paz verdadeira e profunda do coração e a perfeita tranquilidade do espírito, bens supremos na terra, depois da saúde, não se encontram senão na solidão,” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 133). Contudo, é válido lembrar que o autor ajuda-nos a entender que por meio da solidão é possível prepara-se a suportar possíveis sofrimentos, por meio da análise e reflexão.

Passemos então ao próximo passo [10], que diz sob a nossa conduta perante os invejosos. “[...]consiste em manter certa distância a todos que compõem essa quadrilha e em evitar todo contato com eles, de maneira que fiquem separados de nós por um abismo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 144). Isso nos mostra o cuidado que devemos ter a relacionarmos com pessoas dotadas de inveja, a considerar que é algo natural da natureza humana, mas que o autor põe também como “um vício e uma desgraça humana” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 143), além de ser inimiga da nossa felicidade.

A meditação demasiada e profunda sobre algo que se deseja ou se pensa em fazer, antes de executá-lo [11]. Após analisar cuidadosamente, deve-se considerar a incapacidade de toda ciência humana. Para dizer que na limitação dos conhecimentos dos homens é impossível prevêê ou analisar todos os efeitos do que se é especulado. Em síntese, não devemos nos atormentar



com os pensamentos e inquietações contínuas, “Uma vez tomada a decisão e pondo mãos à obra, tudo pode seguir o seu curso, não temos senão que esperar o resultado;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 145).

É preciso estar atento para não “[...]abandonar a ideia de que poderia ser de outro modo e refletir menos no que se poderia fazer [...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 145) para mudar diante de um fato infelizmente decorrido, que não à possibilidade de métodos para aplicar-se em prol de uma variação. Entretanto, [12] não se deve diminuir a culpa ou diminuí-la a própria vista as faltas em que um indivíduo é evidentemente culpado, responsável. “É verdade que isso proporciona um doloroso sentimento de descontentamento de si mesmo;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 146) porém, se pode concluir sinteticamente, que não há possibilidade de aprender se o ser humano não receber a devida punição.

Outro aspecto de suma importância para a nossa felicidade é evitarmos nos atar ao mundo de nossa fantasia [13] “As imagens da fantasia são péssimos guias para a vida e horríveis na condução de si. Muito mais confiáveis são os conceitos cuidadosamente talhados pela reflexão, por isso Schopenhauer sempre aconselha o exame cuidadoso.” (TRNDADE, 2020)<sup>8</sup>. Isso prova porque devemos estar atentos a fantasiosa maneira que vemos a vida e como devemos agir com ela.

Depois, o autor pessimista nos mostra que deveríamos fazer um esforço para representar os bens que estão sob nossa posse, como a nós pareceriam logo após perde-los [14]. Nesse sentido de bens, Schopenhauer abarca todas as classes (riqueza, saúde, amigos, família, cavalos e cães, etc.). Muitas vezes nos condicionamos a limitação como a expressão *ah se isso fosse meu!* E não percebemos que a expressão deveria ser reformulada assim: e se isso *não* fosse meu? Visto que “[...]só a perda dessas coisas, às vezes, nos ensina o seu valor.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 149), é fácil vê que não valorizamos por inteiro o que temos, e preferimos nos deter ao que não compete ao nosso domínio.

Assim como os acontecimentos e os assuntos que nos interessam, se mostram de modo isolado e particular, sem se relacionarem mutuamente entre si e sem ordem; nosso pensar e nosso zelo imprescindível deviam claramente está separado, de modo que possa corresponder aos interesses que provocaram [15]. Deste modo, compreendemos em Schopenhauer que um pensamento não anula o outro:

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2020/02/16/schopenhauer-nossa-conduta-para-conosco/>. Acesso em: 09 de novembro de 2021;

Encontramos nessa fórmula a vantagem de não perder todo o prazer atual e de não abandonar todo repouso pela preocupação de alguma inquietação passada; aprendemos, ademais, que um pensamento não desterra o outro; que o cuidado de um negócio importante não faz desenhar outros pequenos etc. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 150)

Uma outra regra de vida que o filho do comerciante nos apresenta, é a limitação dos desejos, reduzir as ambições, administrar com domínio a raiva [16]. É sempre válido lembrar que: “[...]cada indivíduo nunca pode alcançar senão uma parte infinitamente pequena do que lhe é desejável,” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 151). Em síntese, abster-se e suster-se.

Mais uma vez, Aristóteles é citado por nosso autor com a sua máxima de que [17] *a vida está no movimento*, visto que para um bom êxito intelectual e interior é necessário uma constante ocupação. Desse modo, Schopenhauer coloca o estar em movimento: “A atividade é indispensável para a felicidade; e preciso que o homem obre e que faça algo se isso lhe for possível, ou aprenda, pelo menos, alguma coisa;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 151) Logo, é indispensável “[...]que todo homem se ocupe de algo que se ajuste as medidas de suas faculdades.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 152). Com isso, o homem encontrará ou ao menos irá aproximar de uma vida menos desgraçada, visto que “a luta e a vitória tornam o homem feliz.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 152).

Do mesmo, modo aparece novamente a imagem das fantasias; porém, o autor da obra magna afirma que devemos nos orientar pelas noções notadamente concebidas [18] e não por “[...] certas imagens que se apresentam ante a nós [...]”. De certa forma, esta máxima já abre espaço a próxima [19], que consiste na dominação que devemos ter sobre a impressão daquilo que é presente e visível. Assim, é necessário fazer-se uso da razão.

Após salientar o valor exacerbado da saúde, como uma condição primária para nossa felicidade, Schopenhauer deseja apontar nessa máxima, [20] indicações para a conduta de fortificar e conservar essa saúde. Tendo em vista isso, recordemos que “[...] todo sofrimento, toda incomodidade, toda a desordem, em qualquer parte do corpo afeta o espírito.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 156). É por isso mesmo que o autor alerta sobre cuidar do intelecto, fazer exercícios e tantos outros cuidados que este trecho ajuda-nos à melhor compreender, à seguir:

“Os conceitos e a vida intelectual abrem lentamente seu espaço por entre a precariedade da vida indolente. O pensamento é exercitado constantemente, para não correr o risco de atrofiar. Afinal, se os músculos atrofiam, o mesmo vale para o cérebro! O primeiro não deve ser colocado à parte, com o risco de tornar-se frágil e doentio. Mas é igualmente necessário ocupar-se com a alma. Fazer exercícios físicos

e mentais. Neste sentido, caminhos novos valem tanto quanto ler livros novos. Ambos criam as condições da vida alegre.” (TRINDADE, 2020)<sup>9</sup>

Sendo assim, fica claro os cuidados que se deve ter em conservação e zelo para com a saúde. Passemos então as teses para bem viver no que diz respeito à nossa atitude moral e ética para com os demais.

### ***Relativo a nosso proceder para com nós mesmos***

É preciso antes demais nada preocupar-se no agir e no falar e usar de misericórdia [21], ou seja, uma circunspeção e indulgência; afim de circular pelo mundo. Visto que uma “[...] nos garante contra os prejuízos e as perdas; [...]” e a outra “[...] nos põe a salva de disputas e de querelas.” Não se deve esquecer de não podemos ser movidos por nossas ilusões. É difícil que pessoas mudem e caso mudem, na grande maioria não será para melhor. Assim, é “[...]necessário uma boa dose de tolerância, indulgência, compreensão, para perdoar e relevar as atitudes estúpidas dos outros[...].” Com isso, nossa atitude deve ser de aceitação para com os outros, aceita-los como são – viver e deixar viver. Entretanto, é ainda válido distanciar-se ao máximo daqueles que são por nós intoleráveis e indesejados- recorda-nos o autor de MVR. Em síntese, “Há espaço para todos, inclusive para os idiotas, mas que ao menos seja longe de nós.” (TRINDADE, 2020)<sup>10</sup>.

Depois, [22] o autor relata acerca do envolvimento entre os indivíduos embasado nos fenômenos heterógenos ou homogêneos do espírito e do caráter humano. Os mais limitados, são tendenciosos a procurar os que também são limitados. O mesmo acontece com os que são dotados intelectualmente, envolvem-se e se relacionam com os gênios.

Em outra tese [23] *ninguém pode ver por cima de si mesmo*; Schopenhauer quer mostrar que no diz respeito da nossa relação com os demais indivíduos não podemos enxergar neles nada mais do que são: “[...] não se pode ver em outro mais do que ele é, porque cada qual não se pode ver em outro mais do que ele é [...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 159). Logo, o que é vulgar acaba por vulgarizar tudo ao seu entorno também, visto que este vulgarizado não consegue perceber o que aos olhos do intelectual é fácil.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2020/02/16/schopenhauer-nossa-conduta-para-conosco/>. Acesso em: 09 de novembro de 2021;

<sup>10</sup> Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2020/03/08/schopenhauer-nossa-conduta-para-com-os-outros/>. Acesso em: 09 de novembro de 2021;

Ainda, [24] é preciso estar atento com aqueles que tem a necessidade de “[...] assegurar-se sua existência fazendo ruído[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 160), nosso autor alemão diz que devemos ter bastante cuidado, visto que pessoas que agem desse modo, se ofendem com uma facilidade maior – tudo o que é dito, remetem a si próprias e acabam por levar tudo ao pessoal. Em resumo, com seu intelecto limitado; usam-no ao serviço de seu próprio ego pobre e frágil.

Nessa perspectiva para com os demais, [25] é preciso, pois, escolher entre o amor conquistado e a veneração. Pois o amor seu, sempre busca interesse, mesmo por uma diversidade de causas. Ademais, o excesso de amabilidade pode levar o ser humano a situações dessagráveis: “[...] as condições em que se adquire o amor não dão sempre o propósito para nos orgulhar dele. [...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 161). Porém, o pessimista garante-nos: “O amor nos é seguramente mais útil.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 161).

Para bem viver e sabiamente o autor mais uma vez chama-nos atenção a subjetividade dos homens [26] em consonância com a tese que relata sobre o ego frágil e fraco do homem: “Daí resulta que, de qualquer coisa que se fale, pensam imediatamente em si mesmos [...] Nada lhe interessa mais do que este eu e sendo assim não tem nem sentido e nem sentimento para o que é verdadeiro e notável, o belo, o delicado, os engenhos dos outros;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 161). A nossa atitude deve ser de tomar distância dessas pessoas afirma o autor.

Posterior a isso, [27] “Não temos que nos despertar pelo absurdo que se diz em público ou na sociedade daquilo que se imprime nos livros, pois aquilo é bem acolhido, pelo menos não é refutado; não temo que acreditar tampouco que isto ficará eternamente admitido.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 162). Para lidarmos com esse paradoxo, precisamos ser pacientes afirma, Schopenhauer: “É verdade que desse íterim devemos ter paciência.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 162).

Isso, entretanto, conduzi-nos a próxima [28] regra para viver de maneira sábia: “[...] não temos que ser muitos indulgentes nem muitos amáveis com ninguém.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 162) ou seja, buscar um equilíbrio, não devemos também ter de modo alguma necessidade dos outros. Além disso, é importante e prudente mostrar aos demais que é possível prescindir-se deles.

É ainda notório que para o conhecimento acerca dos homens e da arte de viver é necessário experiência e nem sempre está basta. Entretanto, viver em sociedade passar a ser um constante evitar pessoas a nós desgredáveis e buscar aquelas que causam a nós uma

agradabilidade. Por outro lado, [29] devemos nos deter ao nosso caráter e não ao alheio, o outro não é indispensável, mas devemos evitar “[...] em todo caso, de formamos uma opinião favorável dum homem que acabamos de conhece.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 164). O que deve ser visto são as pequenas atitudes visto que são “[...] nas coisas pequenas, em que não pensamos em pensar com o gesto, pois o homem revela o seu caráter.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 165).

A saber que quando somos feridos por atitudes daqueles a quem matemos algum contato mais intrínseco, não esqueçamos que “[...] perdoar e esquecer significam tirar vantagens das experiências adquiridas com muita dificuldade.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 165). Tudo isso, afim de que agindo assim podemos captar sabedoria nas relações - principalmente com os amigos, porém “Não devemos tão pouco e pelo mesmo motivo confiar num homem que porte da mesma maneira que a vez anterior, quando as circunstâncias. variam.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 166), a saber que é possível esquecer tudo, exceto quem somos, sendo o caráter incorrigível.

Além de tudo que já foi posto pelo filósofo pessimista nesta tese, vale apresentar a seguinte passagem como fechamento desta ideia já citada no parágrafo anterior:

Em síntese geral, para adquirir a compreensão nítida, profunda e necessária da verdadeira e triste condição dos homens, é eminentemente instrutivo empregar, como comentário ao seu procedimento e à sua conduta no terreno da vida prática, sua conduta no domínio literário e vice e versa. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 166).

Concluindo assim, o caminho de nosso caráter em relação ao outro, continuemos a explanada schopenhaueriana acerca das normas para viver bem. Nessa perspectiva, [30] não podemos abandonar em si próprio o caráter, é preciso de noções e máximas nos guiem. É preciso seguir normas e leis que irão reger nossa conduta. É sabido que compreender a regra não é a mesma coisa de aplica-la, visto que a “[...] primeira se adquire pela inteligência e a segunda, pouco a pouco pelo exercício.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 167). Logo, é impossível viver sem normas morais e éticas, a considerar nossa limitação humana: “Não se deve, indubitavelmente, afrouxar por completo as rendas e relevar-se tal como somos, porque o aspecto mau e bestial de nossa natureza é considerável e necessitamos ocultá-lo;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 168).

Outro aspecto do saber viver em Schopenhauer, [31] diz respeito aos defeitos e vícios dos outros que notamos enquanto não vemos os nossos. O autor muito bem recorda o evangelho que alerta sobre a trave no olho, que impede vermos nossa má conduta. Cuidemos primeiro dela e só depois ajudemos a perceber a do outro: “Quem critica aos demais trabalha na sua própria

emenda” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 169). Assim, perceber e usar de censura diante das faltas do outro, é método propício a notar e sentir seus próprios erros.

É preciso também, para bem viver saber [32] em que consiste a base das relações para com os demais. No decorrer da jovialidade estão as relações fundadas no mais admirável da vida:

[...] acredita-se que as relações essenciais decisivas, aquelas que criam os verdadeiros laços entre os homens, são de natureza ideal, isto é, estão fundamentadas na conformidade do caráter, da inclinação, do espírito, do gosto, da inteligência etc. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 169)

Porém, com o tardar da vida; fica perceptível que as reais relações são aquelas alicerçadas no interesse material – a maioria dos indivíduos desprezam que existem outras.

Do mesmo modo, a questão da [33] amizade verdadeira deve ser bem compreendida acerca das normas de uma saudável vivência feliz. A verídica amizade presume que o ser humano, assuma de maneira dinâmica, totalmente objetiva e livre de qualquer interesse na felicidade e desgraça do outro, ou seja, “[...] uma verdadeira identificação com o amigo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 170).

Além disso, é nos momentos difíceis que é provado a sinceridade e veracidade da amizade: “[...] nos casos que se necessitam de socorros sérios sacrifícios consideráveis, a melhor ocasião para provar a sinceridade de amigo é o momento em que anunciamos uma desgraça que acaba de nos suceder.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 170). Desse modo, sabe-se a fundo o valor real da amizade.

Engana-se [34] quem pensa que apresentar bom juízo e engenho intelectual é bem aceito pelo o resto da sociedade – lembra o pessimista alemão. Pelo contrário, “[...] isso desperta na maioria das pessoas um sentimento de ódio e de rancor;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 171) pois externar juízo e talento, revela indiretamente a tolice incapacidade dos desprovidos do bem intelectual. Em consequência disso, “uma natureza vulgar se rebela à vista de uma natureza oposta; o fator secreto da rebeldia é a inveja” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 172). Assim, é preciso estar atento aos invejosos.

E mais atento [35] a negligência, o egoísmo e a vaidade -representantes da parte mais relevante na confiança que externamos aos outros, a saber que a “[...] negligência quando, para não examinar, analisar e agir, preferimos confiar nos outros; egoísmo, quando a necessidade de falar de nossas coisas nos leva a fazer algumas confidências; vaidade, quando estas coisas são de tal natureza que nos ensoberbecem.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 173). Contudo,

carecemos que nossa confiança seja apreciada. Não deveríamos, pois, nunca nos irritar pela desconfiança – bem orienta essa teoria schopenhaueriana.

Na moral exposta por Schopenhauer, a [36] cortesia surge nesse caminho que fazemos para o sábio viver. É ela prudência e sua ausência é tolice:

“A cortesia é, verdadeiramente, uma árdua tarefa, pois nos impõe testemunhos de consideração para todos, pois a maioria não merece nenhuma; ademais, exige que finjamos o mais vivo interesse quando devemos alegrar-nos de não ter.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 174)

Desse modo, cortesia não é uma tarefa simples visto que exige de nós consideração por todos – mesmo sem serem dignos e mostra interesse, quando deveríamos alegrar por não o possuir. Em resumo, nosso autor diz que para bem viver de frente os demais, fazer a junção entre dignidade e cortesia é uma taca de mestre.

Não se deve tomar nunca como modelo o outro “[...] para o que se quer fazer ou não fazer[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 175) pois as realidades (situações, circunstâncias, relações) nem sempre são parecidas. Ademais, o caráter individual distingue a ação. Logo, “[...] temos que agir conforme nosso próprio caráter...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 175), isso evidencia que na experiência prática, em tom schopenhaueriano temos que ser fieis a individualidade, ou seja, [37] ninguém é igual.

O próximo mandamento das máximas do pessimista é [38] não combater a opinião dos outros. É aconselhado por ele que mesmo na melhor das intenções, não se faça; pois “[...] ferir as pessoas é fácil, corrigi-las é difícil e quase impossível” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 175). Além de que pode sofrer consequências sérias: “O homem nascido para instruir o mundo sobre os assuntos mais importantes e sérios pode considerar-se afortunado quando sai são e salvo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 175)

Por outro lado, aquele que deseja com sua opinião fundamentar sua credibilidade, [39] deve expô-la seguramente e livre da paixão. Considera-se para isso, que todo impulso parte da vontade, conseqüentemente é atribuída a ela o juízo emitido e não a inteligência (fria por natureza): “[...]deve-se considerar o juízo emitido como nascido da vontade excitada, isto é, a excitação da vontade produzida pelo juízo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 175)

Segundo as leis schopenhauerianas, devemos ainda [40] evitar elogiar a nós próprios, “[...]mesmo que se tenha o direito disso.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 175) pois a vaidade é comum e já o mérito, ao contrário, é raríssimo. Além disso, [41] diante do mentiroso, deve-se

fingir ingenuidade, de modo que “[...]o mentiroso se torna desavergonhado, mente mais gravemente e lhe descobrimos a fraude.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 176)

Quanto aos assuntos pessoais secretos [42] somos orientados a agir sempre com prudência e guarda-los em sigilo. Pois “[...] a prudência ordena abrir um abismo entre o pensamento e a palavra.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 175) Além disso, o silêncio – neste caso, é orientado como real recomendação dos intelectuais: “[...] o silêncio é recomendado com tantas instâncias e por todos os doutores na sabedoria, que com os argumentos mais diversos sustentam seu apoio.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 177). Para reafirmar e embasar sua tese, Schopenhauer muito lembra um provérbio árabe que resume isso: *Da árvore do silêncio recolho seu fruto: a tranquilidade.*

“[43] Não dinheiro melhor colocado do que aquele que temos deixado roubar, porque nos serve logo para comprar a prudência”. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 177). Nessa máxima, o autor nos que dizer acerca da prudência adquirida com base na experiência negativa. Logo, o que poderia significar uma perda, passa a ser um ganho.

No que diz a nossa conduta para com os outros, Schopenhauer orienta-nos [44] a não armazenar aversão e rancor contra ninguém, se for possível. Devemos nos contentar em observar agir afim de que possamos identificar “[...]o valor de cada qual, ao menos no que nos atinge e para regular em consequência nossa atitude e nossa conduta para com as pessoas; [...] (SCHOPENHAUER, 2012. p. 177). Se assim procedermos, o homem estará blindado contra a desordenada confiança e contra as amizades loucas e inadequadas.

Em síntese, *nem amar e nem odiar* – esta lei abraça a metade da completude que é a sabedoria da vida; em perspectiva schopenhaueriana, pois a outra metade está contida na máxima *não dizer nada e não crer em nada*. De fato, o homem deveria rejeitar o mundo que não prescreve máximas fundamentais como esta.

Ainda no combo de saber portar-se diante dos demais, [45] demonstrar ódio ou cólera verbalmente ou nos gestos, além de desprezível é ridículo. Como bem disse o filho de comerciante: “Os únicos animais venenosos são os de sangue frio.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 177). Não deve ser externado o ódio e a cólera, a não ser por atos, pois é a “[...] segunda maneira de se obter êxitos quanto mais se preserva o homem da primeira.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 177).



Para finalizar o modo de como proceder para com os demais, recordamos a antiga regra: falar sem paixão [46]. Consiste em deixar ao crivo da inteligência dos demais o cuidado de decodificar o que tínhamos falado – “[...]sua compreensão é lenta, antes que haja terminado estamos muito longe.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 178). Contrariamente, Schopenhauer no diz: *parler avec accent* – falar com paixão, ou seja, ir ao sentimento e tudo ficará transformado. É muito verdade a liberdade que isto nos dá, recordando que existem pessoas “[...] as quais com um gesto cortes e um tom amistoso se lhes pode dizer, em realidade, tolices, sem perigos imediatos.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 178).

Passemos então a última classe de normas para uma sabedoria de vida essencial para chegar à felicidade e evitar o sofrimento, nos passos de Arthur Schopenhauer:

***Sobre a nosso proceder diante da marcha do mundo e da sorte***

Quanto [47] aos elementos da existência humana, são semelhantes; assim como as formas. Independentemente do ambiente (corte, cabana, exercito, convento, etc.), as condições necessárias estão sempre apontadas. “Apesar de sua variedade, os acontecimentos, as aventuras, os acidentes felizes ou desgraças da vida [...] as figuras são numerosas, no aspecto e no colorido.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 178). Desse modo, as eventualidades acontecidas a um indivíduo têm semelhança as sobrevividas a outros. Logo, em “...em cada volta vemo-las distintamente da outra, sendo que a realidade é sempre a mesma que temos diante dos olhos.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 178) para dizer da semelhança de eventos e da particularidade em cada ser humano.

A força mais influente que domina o mundo seria para Schopenhauer a sorte [48]. Esta desempenha na nossa vida o papel do vento, que assim como conduz uma barca de um lado por outro; conduz-nos também na agitação do mundo. Já esforçada conduta não passa de uma frágil defesa. Desse modo, o nosso existir não depende unicamente de nós. Isso é confirmado no trecho “[...] a macha da nossa existência não é obra própria, é produto de dois fatores: a série de acontecimentos e a série de nossas decisões que, sem cessar, se cruzam e se modificam reciprocamente.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 179). É ainda comparada a um jogo, na perspectiva do pessimista em que a sorte embaralha as cartas e nós somos os jogadores.

É inadmissível que se perca a [49] visibilidade da ação que o tempo desempenha e a flexibilidade das coisas. Desse jeito, seria encontrado por nós “[...] um manancial inesgotável de sabedoria para este mundo, porque seríamos sempre prudentes e não deixaríamos enganar

tão facilmente.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 180) em grande parte das situações agiríamos antecipando a ação do tempo – alerta-nos nosso autor.

A próxima máxima que Schopenhauer nos apresenta, é que [50] não há necessidade de recuar diante dos gastos (cuidado, tempo, incômodos, estorvos, de dinheiro, etc.) que possam vim surgir; “[...]quando se pode cerra acesso à eventualidade de uma desgraça e fazer, quanto mais grave seja um acidente, mais débil, remota e inverossímil se torne a possibilidade. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 182).

Depois, [51] não é sábio deixar-se explodir de júbilo ou esmiuçar-se em queixas e melancolia por acontecimentos. Pois a falsidade de nosso juízo, engana a nós sobre o que nos é bom e o que pode dar-nos prejuízo. Logo, “[...] a obscuridade e a incerteza engradem qualquer perigo.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 184).

Em consequência disso, a norma seguinte posta por Schopenhauer diz que, [52] o ser humano do mundo ideal é aquele que não pode ser detido pela indecisão e aquele que nada teme, ou seja, “[...] a quem a indecisão nunca lhe detém e a quem nada lhe amedronte.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 185). Por fim, [53] o valor é a norma posta pelo filósofo alemão, como a essencial condição para a felicidade humana, depois da prudência; concluindo assim a exposição de suas máximas. É preciso possui-lo, visto que o seu excesso é covardia. Entretanto, “[...] não pensemos senão na resistência;” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 185).

### 3- AS DIFERENTES ÉPOCAS DA VIDA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Finalmente, após tomarmos conhecimentos das considerações feitas por Schopenhauer, sobre como viver no mundo; assim como ele, é preciso olharmos sob sua perspectiva às transformações e mudanças que a idade provoca em nós.

Durante toda nossa vida, a única coisa que realmente possuímos é o presente, o agora; fora dele nada existe. A única distinção, porém, existente, consiste em primeira instância, na visão de um grande futuro que temos no início e no final, de um passado magnífico; já a segunda instância diz respeito ao nosso temperamento, que atravessa uma sequência de modificações notórias. Esta oferece ao ser humano uma diferente gradação do presente. A seguir veremos os momentos da vida, e como somos impulsionados a agir:

#### 3.1. Infância

Neste período da vida, o pessimista afirma que somos mais tendenciosos ao conhecimento do que à vontade. “Nisso funda-se, precisamente, essa felicidade da primeira quarta parte da vida, que nos faz ver, depois, atrás de nós, um paraíso perdido.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 187) ou seja, a felicidade provém das relações e necessidades limitadas, que conseqüentemente, *tem pouca excitação da vontade*; logo, “[...]a maior parte do nosso ser está ocupada em conhecer.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 187). Desse modo, quantos mais jovens somos, mais noção de inteiro temos acerca das coisas isoladas.

Entretanto, isso vai diminuindo à medida que os anos vão chegando, ou seja, “[...] isso é o que determina a diferença tão considerável da impressão que os objetos produzem sobre nós na juventude e na idade madura.” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 188). Contudo, os anos da infância são os mais felizes.

#### 3.2. Juventude, Vida Adulta e a Velhice – caminho para o ápice do viver

O que torna os anos da juventude uma desgraça e provoca inquietação nos homens, não é se não a perseguição a felicidade. Nessa segunda metade da vida, a busca por uma vida feliz é “[...] empreendida com a firme suposição de que se pode encontrá-la na existência. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 190), o autor da obra magna, afirma que seria de muito proveito se aniquilassem a ilusória ideia da juventude de que “[...] há grandes coisas para se ver no mundo.” Pois o jovem aguarda que sua vida aconteça tal qual uma novela interessante. Ilusão que Schopenhauer trata no segundo volume de MVR.

Desse modo, o peculiar do primeiro momento da vida é a pretensão interminável à felicidade e do segundo é a compreensão da desgraça. Mas é também na idade mais madura que o indivíduo encontra a liberdade: “[...] o homem maduro ganhou com a experiência da vida, o que faz que ele veja o mundo de outra maneira que o adolescente e o jovem[...]” (SCHOPENHAUER, 2012. p. 191) que seria o desembaraço -desenvoltura, coragem.

Entretanto, é preciso abandonar nesta fase as falsas ilusões e noções adquiridas durante a juventude; é nela que idealizamos coisas, acontecimentos que na maturidade passam quase despercebidos de nossa vista. Porém, é na maturidade também que se tem o nível de intelectualidade elevado:

A superioridade intelectual, ainda a mais extraordinária, não fará valer plenamente sua autoridade na conversação, se não depois dos quarenta anos. Porque a maturidade própria da idade e os frutos da experiência podem avantajá-lo muito, [...] essas condições proporcionam ainda ao homem mais vulgar um contrapeso que opõe a força do mais elevado espírito. Falo aqui da personalidade e não das obras. (SCHOPENHAUER, 2012. p. 192).

Quando se vive a juventude, acredita-se numa vida infinita em que tudo que se quer dizer é dito e o tempo é usado com grande esbanjamento. Conforme envelhecemos, nos tornamos econômicos, pois a cada dia da vida que passa, é um passo mais perto do fim.

Apesar disso, é na velhice que se recorda os melhores anos vividos na juventude; além de não exigir demasiado esforço de reflexão acerca dos acontecimentos inusitados que exijam análise profunda. Em grande parte dos indivíduos, o caráter apreze adequar-se a uma dessas idades da vida. É na juventude que predomina a contemplação, porém é na velhice que a experiência e a instrução adquiriram os seus bens.

Por fim, é vasta a exposição feita por Schopenhauer acerca dos fenômenos metamórficos da vida humana em fases de idades distintas. É necessário, uma esplanada maior para bem conhecer, compreender e discernir acerca do viver humano. Contudo, é impossível não perceber os incomensuráveis valores que este transcorrer humano tem para os indivíduos desde o nascer até a morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do pensamento de Schopenhauer, é-se possível perceber que em meio a sua filosofia pessimista, tudo parte da Vontade. Encontra-se, ainda um otimismo prático. E ainda, que no inferno que é o mundo que estamos é possível viver menos infeliz. Em outras palavras, o mundo é miserável, mas não significa que precisa também ser assim.

Em Schopenhauer pode-se perceber que a vida é uma constante oscilação entre tédio e dor. A grande maioria das pessoas vivem uma eterna procura pela felicidade. Contudo, na análise e estudo da sabedoria da vida, foi possível perceber que a felicidade, consiste em evitar a dor e o sofrimento – nisso está embasado o ideal do alemão pessimista. E ainda, que não há nada de externo que possa proporcionar essa felicidade, a nós, basta-nos o que somos quanto nossa individualidade e personalidade, isto é, o que cada um é. Não menosprezando a todo meio que estamos inseridos, mas como elemento principal para ser feliz, não está condicionado ao meio exterior e sim no que é produzido em si próprio – saúde do corpo e da alma.

Além da conservação desses bens, as faculdades intelectuais são de suma importância para a verdadeira felicidade, bem como, o bom caráter repleto de honra e prudência. No modo como nos relacionamos com os demais indivíduos, no peso que damos acerca da opinião dos outros sobre nós, que deve ser mínimo. Tudo isso, somado as cinquenta e três orientações para bem viver garantem uma vida menos infeliz. – Esse deve ser nosso objetivo principal, no intuito de termos uma vida agradavelmente feliz.

Mediante o estudo pode-se concluir em princípio, que como disse Schopenhauer: toda vida é um sofrimento; porém ao recordar um trecho da música da saudosa Marília Mendonça que diz “Ninguém vai sofrer sozinho, todo mundo vai sofrer”; fica perceptível o valor que é dado pelo autor ao sofrimento, que por meio dele pode-se encontrar em nós mesmos a força e o sucesso mediante as dores que o humano passa. Assim como, a artista que encontra no sofrimento da vida e nas experiências práticas para viver menos infeliz, fazendo do sofrimento a arte e a sua filosofia de vida.

Por fim, pessimismo da filosofia do autor e seu prático otimismo, imerge-nos na ilusão de um mundo sem sofrimento, sem dor em que a felicidade é encontrada, mas ajuda-nos a saber viver, no meio desprovido das táticas reais e verdadeiras que diminuem nossa dor e sofrimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

SCHOPENHAUER, Arthur. **A sabedoria da vida**. Trad. Rômulo Argentiêre. São Paulo: Edipro, 2012;

SCHOPENHAUER, A.(1819). **O mundo como vontade e como representação**. Tradução, apresentação, notas e índices Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005;

BARBOZA, Jair. *Filosofia schopenhaueriana e literatura machadiana: em torno do conto "Noite de almirante"*. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/PsxnKtsX6fv3Zt8nyrKVhzd/?lang=pt>. Acesso em: 09 de novembro de 2021;

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003;

DEBONA, Vilmar. *Pessimismo e eudemonologia: Schopenhauer entre pessimismo metafísico e pessimismo pragmático*. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 57, n. 135, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/4rxmfByxHBNB5hpGVJgnbKF/?lang=pt>. Acesso em: 08 de novembro de 2021;

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011;

MANN, Thomas. "Schopenhauer". In: *Pensadores modernos: Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer*. Tradução e notas: Márcio Suzuki. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

PAULA, Wander Andrade de. *Ordenação moral de mundo e justificação da existência na metafísica de Schopenhauer*. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 44, n. spe2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/cKFFy6QxyC5Yh9wW9nDzbCb/?lang=pt>. Acesso em: 08 de novembro de 2021;

TRINDADE, Rafael. *Schopenhauer – nossa conduta para conosco*. **Razão inadequada**, 2020. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2020/02/16/schopenhauer-nossa-conduta-para-conosco/>. Acesso em: 09 de novembro de 2021;

TRINDADE, Rafael. *Schopenhauer – nossa conduta para com os outros*. **Razão inadequada**, 2020. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2020/03/08/schopenhauer-nossa-conduta-para-com-os-outros/>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.